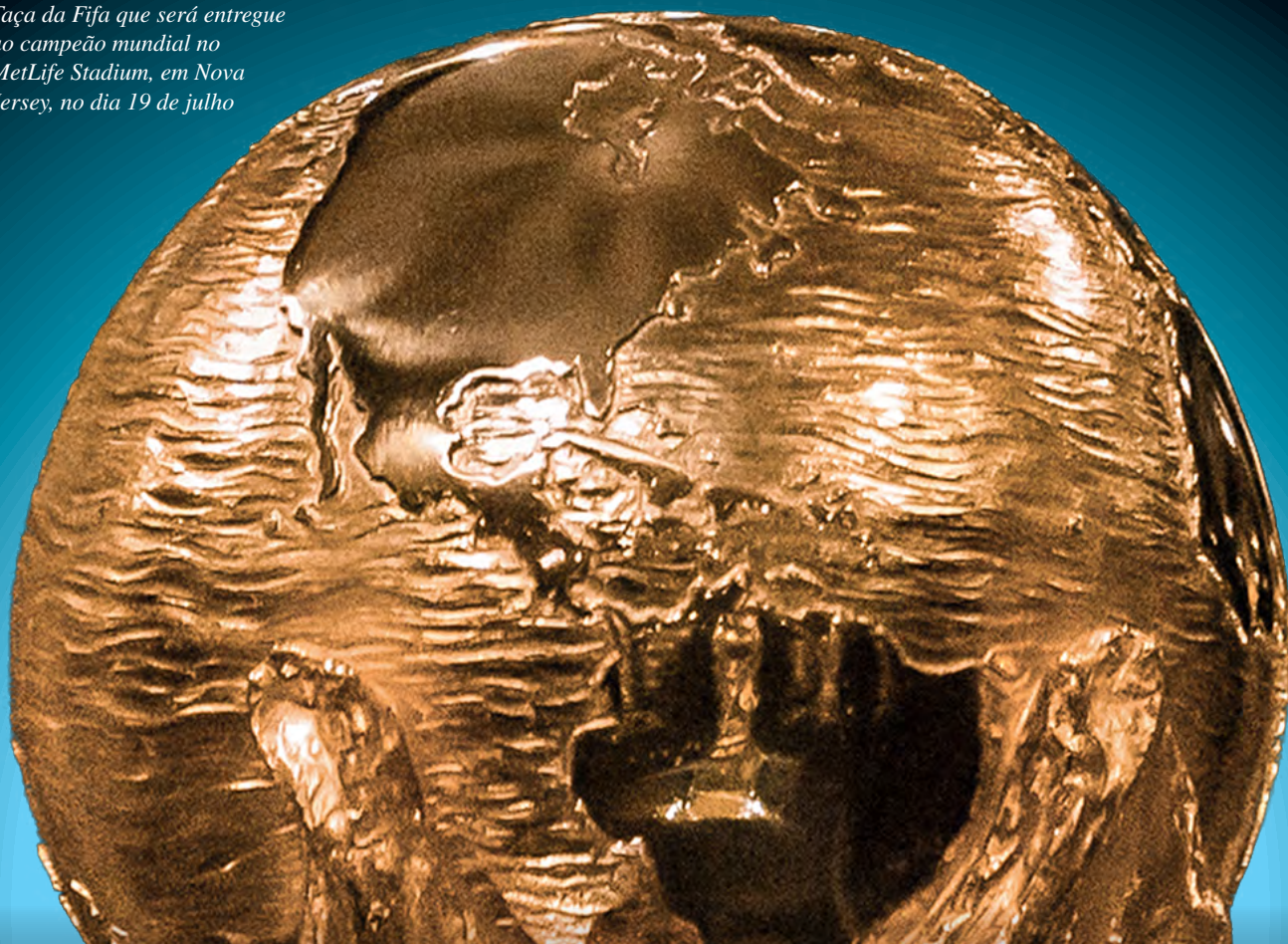


ISTO É

50 ANOS

Edição 36 - 29/5/26

*Taça da Fifa que será entregue
ao campeão mundial no
MetLife Stadium, em Nova
Jersey, no dia 19 de julho*



A MAIOR DE TODAS

Estados Unidos, Canadá e México se preparam para receber a Copa do Mundo, disputada por 48 seleções. O Brasil estreia no dia 13 de junho contra o Marrocos cercado de expectativa



RAFAEL RIBEIRO/CBF

Capa

Página
22

Carlo Ancelotti, há um ano como técnico da seleção, inicia jornada rumo ao hexa

Índice

CAPA: FOTO DE KEVIN SOUSA/MAGN IMAGES VIA REUTERS

3 ENTREVISTA

6 BRASIL

8 ECONOMIA

14 INTERNACIONAL

19 TECNOLOGIA

21 CÊNCIA

22 GENTE

24 ESPORTE

30 ESTILO DE VIDA

35 PALAVRA POR PALAVRA



FABIO RODRIGUES-POZZEROM/AGÊNCIA BRASIL

As fases da corrida eleitoral dos presidentiáveis



Guilherme Horn, CEO do WhatsApp Brasil



FOTOS DIVULGAÇÃO

Rio Quente Resorts moderniza hotéis e parque

Expediente

ISTOÉ
publicações

ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA.

CEO E DIRETOR EDITORIAL
Daniel Hessel Teich

ISTOÉ 50 ANOS

EDITORA EXECUTIVA
Lena Castellón

DIRETOR DE ARTE
Alexandre Akermann

DESIGNER
Mayara Novais

DIRETOR COMERCIAL
Edgardo A. Zabala

www.istoe.com.br

Instagram
[@revistaistoe](https://www.instagram.com/revistaistoe)

YouTube
[m.youtube.com/@revistaISTOE](https://www.youtube.com/@revistaISTOE)

X
[@revistaistoe](https://www.x.com/revistaistoe)

TikTok
[@revistaistoe](https://www.tiktok.com/@revistaistoe)

LinkedIn
[https://linkedin.com/company/istoe/](https://www.linkedin.com/company/istoe/)

Redação e correspondência
Rua Iguatemi, 192, 18º andar, Itaim Bibi,
São Paulo, SP, CEP 01451-010

ISTOÉ é uma publicação semanal de ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA., empresa detentora das marcas ISTOÉ e coligadas, tanto em plataformas digitais como meios impressos. A empresa não tem qualquer vinculação editorial e societária com a EDITORA TRÊS COMÉRCIO DE PUBLICAÇÕES LTDA. (em liquidação judicial)



“Precisamos mais do que nunca individualizar a prescrição da reposição hormonal”

LEONARDO MONTEIRO

“‘Chip da beleza’ não existe”

À frente de estudos sobre implantes hormonais, o ginecologista André Malavasi desmistifica o uso com fim estético e reforça o rigor científico na indicação desses dispositivos

Nos últimos anos, os implantes hormonais passaram a ocupar o centro de um dos debates mais sensíveis e polarizados da medicina contemporânea. Popularizados sob o rótulo de “chip da beleza”, esses dispositivos subcutâneos ganharam espaço nas redes sociais, frequentemente cercado por promessas, simplificações e, não raro, desinformação. A expressão cria uma cortina de fumaça sobre o uso de hormônios como ferramenta tera-

pêutica para diferentes fases e condição da saúde da mulher, da síndrome do ovário policístico à menopausa. Quem esclarece esse tema e mostra o avanço dessa abordagem, cada vez mais precisa, é André Malavasi, ginecologista e obstetra com formação pela USP, doutor com foco em trombofilias e trombose na mulher e pesquisador envolvido em estudos recentes na área de terapias hormonais.

Thaiz Brito

Quando falamos em “chip da beleza”, estamos diante de um termo mais midiático do que médico. Do ponto de vista técnico, o que são os implantes hormonais?

Não existe chip, muito menos “chip da beleza”. O que temos é um dispositivo que é colocado no espaço subcutâneo. Portanto, abaixo da pele, na gordura. Esse dispositivo libera de forma linear, sustentada e previsível aquele medicamento que nós, médicos, temos a intenção de que a paciente ou o paciente receba por determinado tempo. Então, o implante hormonal nada mais é do que um instrumento de liberação de medicamentos. Eu entendo que esse termo surgiu em parte porque nós, ginecologistas que priorizamos a medicina baseada em evidências científicas, demos as costas para os implantes hormonais. Eles foram utilizados por muito tempo de forma equivocada, em doses erradas e com intuito estético que não deve ser jamais utilizado. Nós, médicos, utilizamos hormônios para corrigir deficiências hormonais e tratarmos doenças, não com o intuito de deixar a mulher mais bonita. Ela ficará mais bonita indiretamente porque trata a sua doença de base. Ela melhora sua autoestima, faz mais atividade física, melhora seu aporte nutricional. Então, o embelezamento dessa pessoa ocorre sim, mas é secundário. Não é a intenção precípua do implante hormonal.

Esses implantes hormonais já têm uma indicação bem estabelecida. Mas onde começa o uso mais controverso e sem respaldo robusto da ciência?

Nós fizemos o estudo Clara [publicado em abril na revista científica *Menopause*], no qual fizemos a colocação de implantes de 25 mg estradiol em 20 mulheres e fizemos a farmacocinética, uma metodologia muito bem estabelecida, com critérios regulatórios, para sabermos quando esse hormônio atinge o pico sanguíneo e por quanto tempo. Hoje, nós temos uma indicação precisa dos implantes de estradiol, que é para fazer a reposição hormonal de mulheres na menopausa que não se adaptaram aos métodos tradicionais ou que têm contraindicação aos métodos tradicionais, que são a via oral (comprimidos) ou a transdérmica (gel e cremes).

Quais são os principais riscos associados aos implantes hormonais, especialmente quando utilizados fora dessa indicação clínica clássica? O que a literatura mais recente tem mostrado sobre a segurança a médio e longo prazo?

As indicações e contraindicações são as mesmas da reposição convencional. Por exemplo, uma paciente que tem um fenômeno tromboembólico, que está com uma trombose, não deve usar, quer seja por via oral, quer seja pelo implante. Uma paciente com antecedente de câncer de mama não deve usar tanto a via oral como a transdérmica, como o implante. E aí que vemos que a questão não é o implante em si: é a indicação médica como um todo. Porque a reposição hormonal, independentemente da via, quando bem indicada na dose correta, pela via correta e para a paciente correta tem uma eficácia com alta segurança para a paciente e com chance de sucesso.

Quando começou o uso dessa terapia de implantes? Qual foi a motivação?

É interessante. Nos Estados Unidos, há relatos que esses implantes foram utilizados por um pesquisador chamado Green Blood, inclusive antes das vias tradicionais (a oral e a transdérmica), mas ganharam força na década de 1980. A Inglaterra chegou a usar por um tempo. Agora, está tentando retomar para uma parcela de pacientes que não se adaptam à via transdérmica. No Brasil, foi por meio do professor Elsimar Coutinho, médico de Salvador que introduziu os implantes não absorvíveis nas décadas de 1980 e 1990, mas que ficavam restritos a um determinado grupo de médicos. Há 10 anos, os implantes absorvíveis começaram a ganhar maior volume e com a vantagem de eles serem colocados e serem absorvidos.

Estudos recentes, como o Clara, começam a trazer dados mais estruturados sobre o uso desses implantes hormonais. O que eles acrescentam à discussão? Eles mudam algum nível de confiança dessa abordagem?

O estudo Clara foi de farmacocinética para mulheres na menopausa, que tinham uma indicação de fazer reposição hormonal com estrogênio. E ele foi desenhado com uma metodologia muito precisa, porque essas pacientes recebiam implante e a cada duas horas se fazia a dosagem sanguínea do hor-

“ A menopausa é uma constelação de sinais e sintomas (...). A reposição hormonal com estrogênio reverte esse quadro. E, aí, nós temos as opções por via oral, via transdérmica e implantes. Mas é muito importante que as mulheres discutam esta temática, tenham acesso às opções terapêuticas e façam a reposição hormonal na chamada janela de oportunidade. Esse é um período que dura, em média, dez anos e vai até os 60 anos. Os benefícios são palpáveis dentro da janela de oportunidade ”

mônio por 24 horas. Depois, semanalmente, por um mês e mensalmente por um semestre para vermos que os níveis hormonais realmente atingiriam a expectativa do nível fisiológico. O resultado foi positivo. O estudo Clara mostra que o implante hormonal absorvível de estradiol na dose de 25 mg – produzido pela empresa que patrocinou o estudo, a Bios – traz uma linearidade farmacocinética. Portanto, nós sabemos que a paciente não ficará nem com uma dose acima nem abaixo e ficará pelo tempo que é o esperado, que são seis meses.

Existe também a expectativa de novos estudos, como o Glade. O que ainda falta responder do ponto de vista médico? O que podemos esperar das próximas evidências sobre a eficácia e a segurança desses dispositivos?

Esse estudo, o Glade, acabou de ser encaminhado para uma importante revista médica internacional. Nós o apresentamos no Congresso Europeu de Ginecologia Endócrina, em Roma, em março. Ele foi muito bem recebido pela comunidade científica internacional. É um estudo para mulheres com endometriose profunda, já operadas e, apesar disso, continuaram com sintoma, principalmente dor. Foi um estudo de segurança para verificarmos se o implante de gestrinona na dose de 85 mg é um método seguro. E o resultado foi positivo: é seguro. Agora, precisamos de mais estudos. Mas isso abre uma perspectiva para a paciente que já foi operada quatro, cinco vezes e não há mais opção terapêutica para ela. Nós temos hoje uma luz no fim do túnel. Para um grupo específico de pacientes, o implante de gestrinona será um alento para as dores excruciantes que elas têm.

Quando falamos na terapia hormonal, tanto no manejo da endometriose quanto na menopausa, existe algum impacto potencial sobre o risco cardiovascular?

Essa é uma informação muito preciosa. A pílula comum é chamada de combinada: tem estrogênio mais progestagênio. Por ser ingerida e fazer passagem hepática, ela aumenta de duas a quatro vezes o risco de fenômenos tromboembólicos, como a trombose venosa profunda. Sua complicação, a embolia pulmonar, pode ser letal. Isso já é muito bem estabelecido; centenas de trabalhos comprovam isso. Então, estrogênio por via oral aumenta em duas a quatro vezes o risco de embolia pulmonar e trombose venosa profun-

da. A questão é a reposição hormonal que traz qualidade de vida. As mulheres estão ultrapassando os homens em longevidade. Elas passarão pelo menos metade da sua existência no período pós-menopausa. Como podemos trazer qualidade de vida para essa paciente que está hipoestrogênica, uma vez que nós sabemos que o hipoestrogenismo traz complicações muito sérias, como osteoporose, fraturas por osteoporose, aumento de risco cardiovascular? A menopausa traz aumento de Acidente Vascular Cerebral (AVC), infarto agudo do miocárdio. Essa paciente tem atrofia do trato genital inferior. Tem adelgaçamento da mucosa vaginal e dor quando tem atividade sexual. Muitas vezes tem continência urinária. E também lapsos de memória, irritabilidade. A menopausa é uma constelação de sinais e sintomas que, dependendo da mulher, vai afetar mais um lado ou outro. A reposição hormonal com estrogênio reverte esse quadro. E aí nós temos as opções por via oral, via transdérmica e implantes. Mas é muito importante que as mulheres discutam esta temática, tenham acesso às opções terapêuticas e façam a reposição hormonal na chamada janela de oportunidade. Esse é um período que dura, em média, dez anos e vai até os 60 anos. Os benefícios da reposição hormonal são palpáveis dentro da janela de oportunidade. Claro, muitas vezes recebemos uma mulher extremamente sintomática, que já passou a janela de oportunidade, e que, mesmo assim, fazemos a reposição hormonal. Outro sintoma muito comum são as ondas de calor, fogachos. Nós, ginecologistas, não podemos dar as costas para esta paciente. Outro tema que se questiona muito é em relação ao risco de aumento de câncer pela reposição hormonal. Existe “hormoniofobia”. Nós sabemos hoje que a reposição hormonal, quando bem feita, na dose certa e da forma correta, não aumenta o risco de câncer, inclusive pode reduzi-lo.

Vimos recentemente que o FDA mudou o entendimento sobre os implantes. Isso pode influenciar, do ponto de vista médico, como o Brasil trabalha com isso?

As mulheres norte-americanas ficaram pelo menos 20 anos desprovidas



LEONARDO MONTEIRO

de reposição hormonal porque muitos médicos contraindicavam a reposição baseadas em alguns estudos, principalmente um chamado WHI [Women’s Health Initiative, publicado em 2002], que usou um estrogênio oral chamado Premarin, que é o estrogênio equino conjugado. Veja que interessante: um estrogênio derivado de cavalos, diferentemente do que nós usamos hoje, que é idêntico ao que a mulher produz. E o WHI teve vários equívocos de inclusão de pacientes, com mulheres que tinham já uma idade avançada, fora da janela de oportunidade. Elas já tinham aumento de risco cardiovascular. O WHI foi interrompido prematuramente por encontrar um risco aumentado de complicações. Aí, esses riscos foram superdimensionados e o FDA colocou, então, uma “tarja preta” na indicação de reposição hormonal, um black box, um alerta. Muitos médicos deixaram de prescrever a reposição hormonal. Nós temos ainda médicos hoje no Brasil que estão presos à publicação do WHI há mais de 20 anos. Na verdade, precisamos fazer uma releitura histórica da recomendação de hormônio para mulher no período climatérico, porque hoje nós temos opções muito melhores por vias melhores e uma individualização terapêutica que não existia na época. Nós temos agora um estrogênio, que já está sendo comercializado no Brasil, que é o Estetrol, o único estrogênio exclusivo da espécie humana. O Estetrol, quando adentra a célula, funciona como antiestrogênio mamário. Talvez ele reduza o risco de câncer de mama e tal-

vez tenha um impacto tromboembólico menor. Muitas novidades surgirão nos próximos anos. A reposição hormonal não é para todo mundo. Implante hormonal não é para todo mundo. Nós precisamos mais do que nunca individualizar a prescrição.

As mulheres estão ocupando novos espaços e atividades. Ter acesso a essas opções, inclusive, muda a maneira como ela encara o trabalho, talvez até a relação em casa. Observa muito isso hoje no consultório?

É impressionante. Sou ginecologista há mais de 30 anos e é nítido que, quando a mulher adoece, a família adoece junto. Trazer isso para a qualidade de vida da mulher é muito impactante. Nós precisamos ter esse olhar diferenciado e trazer para essa paciente novas possibilidades da medicina. O ginecologista não está só pensando em hormônio quando ele faz reposição hormonal. Quando nós iniciamos um programa, fazemos reeducação alimentar, condicionamento físico, estimulamos essa paciente a ter melhores práticas de saúde. Portanto, a menopausa é uma chance que essa mulher tem de fazer escolhas boas que muitas vezes não podia fazer quando era jovem porque engravidou precocemente ou porque teve de seguir uma carreira que não era a desejada. Enfim, a menopausa é um reencontro desta mulher consigo mesma. Nós, ginecologistas, podemos ajudá-la, com qualidade de vida e saúde, a fazer o futuro que deseja. **E**



Lula subiu nas pesquisas após áudios de Flávio e Vorcaro vazarem

FABIO RODRIGUES/POZZEBOM/AGÊNCIA BRASIL



Flávio pediu classificação de PCC e CV como grupos terroristas

ANDRESSA ANHOLETE

Jogo posto

Campanhas eleitorais dos presidentiáveis se armam de estratégias para atingir adversários, contam com deslizes, surpresas e até reuniões externas para tracionar candidaturas

João Vitor Revedilho

Como em um jogo de xadrez, as campanhas eleitorais estão fazendo cálculos para mexer suas peças no tabuleiro de forma a atingir seus adversários. Essa é a estratégia de todas as equipes dos pré-candidatos à presidência da República para tentar escalar cada vez mais nas pesquisas e, assim, conseguirem chegar à cadeira mais alta do país.

Favoritos na disputa, o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) e o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que busca a reeleição, já começaram suas ofensivas. Com indiretas e críticas, ambos tentam esvaziar a imagem do oponente e, desse modo, provocar o aumento da rejeição pelos eleitores. Até meados de maio, essa estratégia estava dando mais força para Flávio, que viu seu nome subir em pesquisas e conse-

guir ultrapassar Lula no segundo turno em alguns levantamentos.

O senador, todavia, se viu caindo do céu ao inferno em apenas um minuto e meio, tempo do áudio em que ele pede dinheiro ao banqueiro Daniel Vorcaro, dono do Banco Master, investigado pela Polícia Federal e pelo Banco Central por fraudes financeiras. Na gravação, o filho “01” pede R\$ 134 milhões para o financiamento do filme “Dark Horse”, que conta a história do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL). Minutos antes da divulgação do áudio, Flávio havia negado ter qualquer relação com Vorcaro, mas foi obrigado a recuar horas depois. O senador disse que o pedido nada mais era do que um “filho pedindo um financiamento privado para o filme do pai”.

Inicialmente, a campanha de Flávio ficou atônita com a gravação. Uma

reunião de emergência precisou ser convocada para tentar mitigar os efeitos do diálogo. Nem as lideranças mais próximas do seu círculo sabiam da relação. Em coletiva, o filho mais velho de Jair Bolsonaro voltou a falar sobre sua relação com Vorcaro. Ele contou ter ido à casa do banqueiro quando este cumpria prisão domiciliar. Para justificar a visita, Flávio afirmou ter se reunido com Vorcaro para pôr fim à relação entre eles.

O áudio foi um prato cheio para o PT, que passou a investir na campanha “BolsoMaster” para atrelar os problemas do banco ao governo de Jair Bolsonaro. Os efeitos foram sentidos logo de cara. Lula voltou a subir nas pesquisas de intenção de voto e chegou a ganhar fôlego de nove pontos percentuais em relação ao “01” no primeiro turno, de acordo com o Datafolha.



Caiado aposta no discurso de “autoridade moral”

versário de querer entregar o país para os Estados Unidos. “Não somos uma republiqueta. Filho de bolsonarista que não tem vergonha de trair a pátria e pedir intervenção”, declarou, durante um evento em Sergipe.

Até outubro, Lula e Flávio devem movimentar as peças do tabuleiro a todo momento, tentando derrubar as peças do oponente, ao mesmo tempo em que buscam proteger os reis e as rainhas de seu próprio campo.

Tração e racha

Ronaldo Caiado (PSD) e Romeu Zema (Novo) também entraram em um jogo, mas de outra modalidade, por assim dizer. Ambos focam em um “estilo” mais direcionado a “cartas marcadas”, para arrancar votos do pelotão da frente. Caiado, por exemplo, aposta no discurso da “autoridade moral” para conseguir se viabilizar. O discurso encheu os olhos do setor do agronegócio, já familiarizado com o ex-governador de Goiás. Ele também se aproxima cada vez mais do setor empresarial.

Já Zema, para emplacar sua candidatura, tem concentrado suas atenções em percorrer o país para se tornar conhecido. Isso sem descuidar das suas redes sociais. Nas últimas semanas, o ex-governador de Minas Gerais lançou uma série em que satiriza ministros do Supremo Tribunal Federal (STF), em especial o decano Gilmar Mendes. A audiência das peças humorísticas disparou e lhe rendeu um pedido de inclusão no inquérito das Fake News.

O ex-governador mineiro até subiu nas pesquisas. No entanto, não consegue ultrapassar a margem dos 5% das intenções de voto. É o mesmo índice de Ronaldo Caiado, que tenta seguir a rota contrária da campanha de 1989 para tracionar sua candidatura ao Palácio do Planalto. Nesta semana, ambos chegaram a debater a possibilidade de uma formação de chapa, mas sem definirem quem será o cabeça de chapa e

Zema viaja pelo país e também atua nas redes sociais, satirizando o STF

quem será o vice. A opção encontrada é um meio de impulsionar as duas campanhas em definitivo. Há um “detalhe” nesse movimento que acende um alerta. Isso pode começar a incomodar Flávio Bolsonaro, já que a dupla pode arrancar votos preciosos de centro-direita que poderiam ir para o senador.

Nas candidaturas consideradas nanicas, a polêmica fica por conta do Democracia Cristã. O partido, que já foi liderado por Eymael, se viu nos holofotes nas últimas semanas após retirar a candidatura de Aldo Rebelo, que já estava em pré-campanha nas ruas, e colocar o nome do ex-ministro do STF Joaquim Barbosa no páreo.

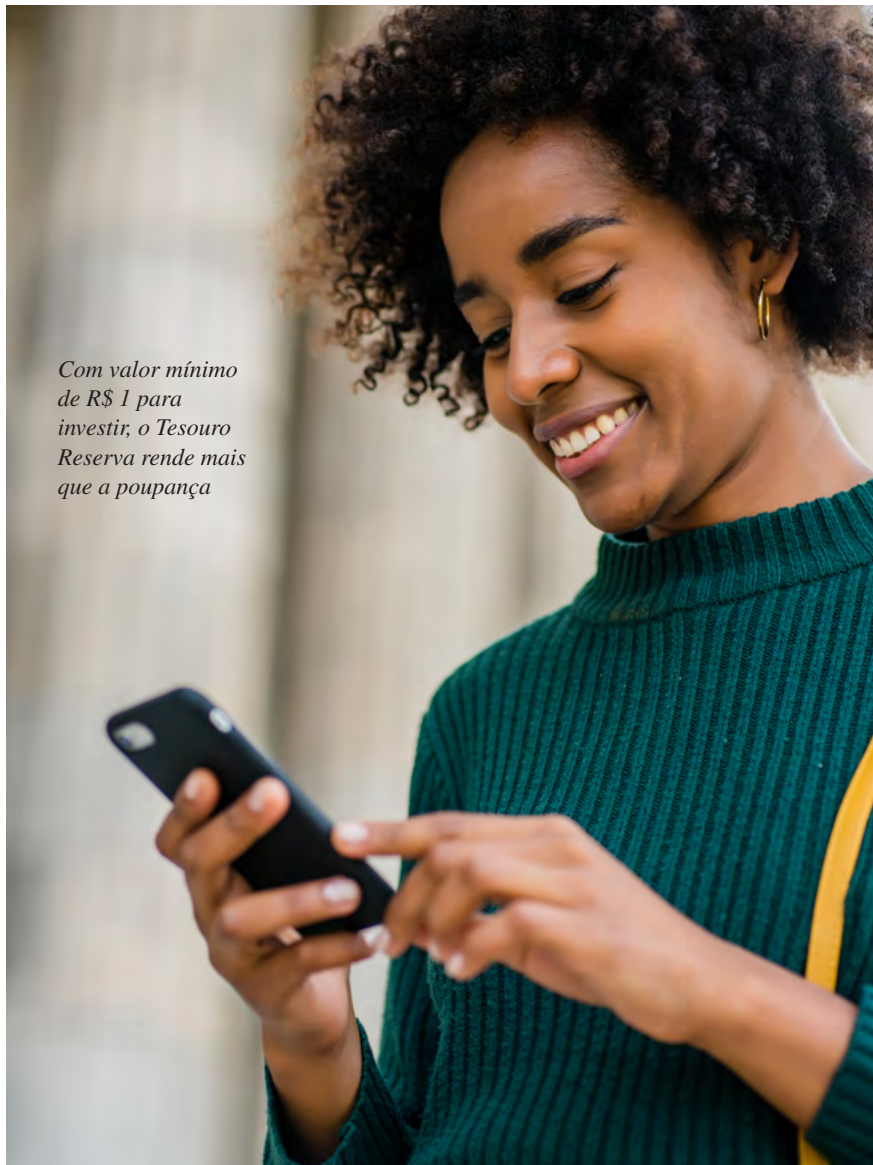
A decisão foi tomada à revelia de Aldo e de outras lideranças da legenda, como Cândido Vaccarezza, presidente da executiva paulista. A avaliação é que João Caldas, presidente do DC, tentou usar o nome de Barbosa para conseguir driblar as polêmicas ligadas ao seu nome em Maceió e enviar uma sinalização ao filho, o ex-prefeito da capital alagoana João Henrique Caldas (JHC), que não deu adesão à sua candidatura à deputado federal. **E**



PAULO GUERETA

Os dois presidenciáveis voltaram a se confrontar semanas mais tarde. Na tentativa de mudar o discurso e atenuar os efeitos do áudio e do sucesso do encontro entre o petista e o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, marcado repentinamente e realizado em Washington no dia 7, Flávio também foi bater à porta da Casa Branca para demonstrar sua proximidade com o governo norte-americano. O encontro aconteceu na terça-feira, 26, e o senador fez questão de pautar o pedido para que a administração Trump reconheça o Primeiro Comando da Capital (PCC) e o Comando Vermelho (CV) como organizações terroristas, o que o Palácio do Planalto já se colocou como contrário. Dois dias depois, o secretário de Estado do país, Marco Rúbio, anunciou a alteração da classificação das facções criminosas a partir do dia 5 junho.

A ação foi vista como vitória pela cúpula aliada a Flávio, que passou a perceber um movimento de recuperação na campanha, enquanto sua equipe tenta mitigar os efeitos provocados pelo famigerado áudio. Os petistas ficaram surpresos inicialmente, mas depois Lula reagiu acusando seu ad-



Com valor mínimo de R\$ 1 para investir, o Tesouro Reserva rende mais que a poupança

Estreia polpuda

Tesouro Reserva capta R\$ 586,3 milhões em sua primeira semana; entenda quanto rende o novo título com resgate 24h

Lançado pelo Tesouro Direto em 11 de maio, o Tesouro Reserva começou bem, tornando-se o segundo título mais vendido no site do programa, apesar de estar limitado aos clientes do Banco do Brasil, instituição que foi par-

ceira no desenvolvimento do projeto. Ele captou R\$ 586,3 milhões em sua primeira semana, incluindo sábado e domingo, superando títulos tradicionais. Ficou atrás apenas do Tesouro Selic, que somou R\$ 973 milhões no mesmo período.

O Tesouro Reserva é um título público com rendimento atrelado à taxa Selic que permite aplicações e resgates imediatos, 24 horas por dia, nos sete dias da semana. O papel é voltado para o público que mira uma alocação de reserva de emergência e uma alternativa que renda mais que a caderneta de poupança. O valor mínimo para começar a investir é de R\$ 1, com limite de até R\$ 500 mil por investidor ao mês, sem restrição ou teto para resgates.

O novo título foi lançado em meio a um declínio da caderneta de poupança no país e uma crescente oferta e popularização de “caixinhas” oferecidas por fintechs com aplicações e resgates simplificados, com rendimentos atrelados a determinados percentuais do CDI, que historicamente acompanha a Selic, atualmente em 14,50% ao ano.

O papel é semelhante ao Tesouro Selic, pois também é um título pós-fixado que rende 100% da taxa Selic com um adicional de uma pequena taxa. O grande diferencial do Tesouro Reserva é que não haverá marcação a mercado, o que significa que momentos de volatilidade não afetarão o rendimento da aplicação, que também poderá ser resgatada a qualquer momento.

O título possui um vencimento de três anos. No entanto, o investidor pode resgatar o dinheiro a qualquer momento sem perda de valor, colhendo os rendimentos até aquele dia. “Com esse produto, o Tesouro Nacional tem potencial de quebrar toda a estrutura do mercado financeiro. As pessoas querem ver o dinheiro cair na conta, respeitando toda a expectativa do rendimento que ele teria. Isso ataca exatamente a população que ainda não está investindo, que acha que não pode investir”, disse Daniel Leal, secretário do Tesouro Nacional, no evento de lançamento do produto.

Com esse movimento, o Tesouro Nacional busca ampliar significativamente o número de investidores pessoa física. De acordo com a instituição, os títulos públicos atraem atualmente cerca de 3,4 milhões de pessoas. A expectativa oficial é superar dez milhões de aplicativos nos próximos anos com a nova plataforma. A aposta do governo está na facilidade de acesso do novo título, no baixo valor de entrada e na possibilidade de movimentação instantânea.



Por enquanto, o papel está limitado aos clientes do BB, parceiro no desenvolvimento do projeto

MARCOS ELIAS DE OLIVEIRA JUNIOR

Quem pode investir

Em um primeiro momento, apenas correntistas do Banco do Brasil poderão realizar aportes no título. No total, serão 80 milhões de clientes da instituição financeira que poderão comprar o papel. O Tesouro está em diálogo com outros bancos, mas sem uma previsão concreta de novas ofertas em outras plataformas.

Os investimentos e resgates do Tesouro Reserva são realizados por meio do aplicativos Investimentos BB, utilizando transação via Pix.

O rendimento do título é indexado à taxa básica de juros, a Selic. A taxa é definida pelo Comitê de Política Monetária do Banco Central (BC). Atualmente, a taxa é de 14,50% ao ano.

Vale reforçar que, apesar do vencimento de três anos, o investidor pode resgatar o dinheiro a qualquer momento sem perda de valor, colhendo os rendimentos até aquele dia.

Diferentemente do Tesouro Selic, a marcação é na curva, e não a mercado. Isso reflete o preço de aquisição acrescido de juros contados dia a dia, como se a pessoa fosse carregar o papel até a sua data de vencimento.

Já a marcação a mercado mostra uma maior volatilidade. Nesse caso, o título é precificado com base nas negociações do mercado secundário. Na prática, o investidor vê todos os dias o preço oscilar, com base no quanto ou-

tros investidores estão pagando no título em suas negociações do dia.

Tesouro Reserva x poupança

O site do Tesouro Direto faz simulações dos rendimentos do Tesouro Reserva com quatro valores e mostra a diferença de ganhos com a poupança. Confira o resultado com R\$ 1 mil

Valores em reais

Prazo	Valor com rendimento	Quanto rendeu a mais que a poupança
Seis meses	1.056,23	25,85
Um ano	1.119,61	57,93
Dois anos	1.274,66	147,50

Impostos e taxas

O título possui a incidência de um Imposto sobre Operações Financeiras (IOF), caso o resgate ocorra durante os 30 primeiros dias de investimento. A alíquota é regressiva, caindo a cada dia. Após os 30 dias, o IOF não é cobrado.

Além disso, há incidência de Imposto de Renda de forma semelhante aos demais títulos do Tesouro. Assim, o IR incide apenas sobre os rendimentos, no momento do resgate ou no vencimento.

As alíquotas de IR são regressivas, ou seja, quanto mais tempo o investidor permanecer com o aporte, menor será o imposto. A cobrança é automática e feita pela instituição financeira – a conhecida retenção de imposto na fonte. Desse modo, o investidor não necessita realizar nenhum pagamento adicional por fora.

Até R\$ 10 mil, a negociação é isenta da taxa de custódia da B3, sendo que acima disso é cobrado 0,20% ao ano sobre o valor total investido, cobrada para a guarda dos títulos. **E**



Modelos mais compactos como o Omoda 4 apostam em visual premium

FLÁVIO SILVEIRA

Muito além da Caoa

Maior exportadora de carros da China, a Chery International tem planos ambiciosos para o Brasil

Flávio Silveira*

Uma semana após uma disputada apresentação no Salão de Pequim, no final de abril, Guibing Zhang, vice-presidente executivo da Chery Automobile e presidente da Chery International, braço global do grupo responsável por operações de expansão da marca fora do mercado chinês, detalhou planos da companhia para o Brasil. A conversa aconteceu em Wuhu, no coração da Chery Automobile.

A empresa teve uma operação própria no país, em 2009, mas à época a qualidade dos carros era sofrível. Por isso, além de problemas com sindicatos e mudanças nas políticas do governo,

a primeira fábrica do grupo no Brasil, em Jacareí, acabou sendo um fracasso. A operação naufragou, e quem veio socorrê-la foi Carlos Alberto Oliveira de Andrade, o “Sr. Caoa”, que comprou 51% das operações brasileiras da Chery em 2017, formando a Caoa Chery. A fábrica de Jacareí até hoje não decolou, seguindo praticamente abandonada, mas a Caoa e os filhos de Carlos Alberto, falecido em 2021, seguiram fortes, “limparam” a imagem da marca e hoje faturam alto com a Caoa Chery.

Depois disso, a Chery se tornou a maior exportadora de veículos da China, por meio da Chery International, e

criou muitas outras marcas para operar pelo mundo, sendo que algumas delas nem existem na China, como Omoda & Jaecoo – que bateu recordes ao chegar a um milhão de carros vendidos em apenas três anos de história, e agora quer passar a vender um milhão de carros por ano, globalmente.

Nesse curto período, a Omoda & Jaecoo chegou a 69 mercados diferentes, com uma concessionária aberta por dia no planeta. No Brasil, chegou há menos de um ano, e em abril já colocou o SUV Omoda 5 no topo do ranking de vendas de híbridos plenos (HEVs), superando Corolla, Yaris Cross Corolla



Para Guibing Zhang, da Chery International, a empresa tem chance de ser até top 3 no país

DIVULGAÇÃO

Cross (da poderosa Toyota, que faz híbridos há desde 1997 e está no Brasil desde 1958).

Sem querer dividir o resto do “bolo” com a Caoa, as novas marcas sob comando da Chery International chegam com operação própria: Omoda & Jaecoo e Jetour já estão aqui desde o ano passado, e o grupo está fechando a compra da fábrica da Land Rover em Itaiaia (RJ) para produção de carros da Omoda & Jaecoo e, quem sabe, de outras marcas já confirmadas para o país, como Lepas (elétricos refinados) e Exeed (luxo), além de outras em estudo, como a iCar (“estilo jipe”).

A China tem mais de 100 marcas e, mesmo em um mercado tão grande, estamos vendo algumas consolidações e falências. O Brasil é muito menor, mas já tem cerca de 40 marcas ativas. Não considera arriscado investir em um mercado que parece saturado — se não por marcas, pelo menos por produtos —, especialmente no segmento de SUVs compactos e médios?

O Brasil é um mercado grande, um dos dez maiores do mundo, com muitas marcas e concorrência forte. Nós chegamos ao Brasil há muito tempo. Teve um período no passado em que não

fomos bem-sucedidos. Faz mais de 15 anos, e no começo não tivemos sucesso, mas agora estamos procurando um caminho diferente. Antes, procuramos parceiros locais que tivessem mais experiência. Agora, estamos tentando usar uma abordagem diferente para entrar de verdade no mercado: entender as demandas reais do cliente, como projetar e fazer modelos diferentes para este mercado específico. Também estamos tentando entender a política atual do governo e a situação fiscal distinta. Passo a passo, hoje, podemos dizer que já temos alguma experiência acumulada. O mercado brasileiro é muito importante. Não temos outra opção. Temos de entrar e fazer o consumidor gostar de nós, e também estamos dispostos a deixar o governo satisfeito, pagando impostos e gerando empregos. Essa é nossa intenção principal no Brasil.

A Chery tem planos ou metas para entrar no top 10 de vendas no Brasil?

Claro, esse é o meu objetivo. Atualmente, em muitos países, a Chery ocupa o primeiro, segundo ou terceiro lugar. No mês passado, fomos a marca número um dois em volume total no Reino Unido, e com o Jaecoo 7 conseguimos o primeiro lugar. Portanto, a

Chery tem capacidade para vencer em alguns mercados. Obviamente, mercados diferentes têm exigências diferentes, além de políticas distintas. Em relação à nossa capacidade geral, estamos preparados, mas precisamos trabalhar muito e somar nossa competência com o profissionalismo local para construir uma base sólida. O senhor Hu [CEO brasileiro da Omoda & Jaecoo] é uma ponte entre China e Brasil, e está entendendo o mercado brasileiro. E também precisamos compreender a política governamental. Precisamos de tudo isso junto. Conforme nos aprofundarmos e entendermos o mercado, estaremos mais preparados para avançar e fazer produtos melhores. Temos a chance de ser top 10, e até top 3.

Como a Omoda e a Jaecoo vão operar em relação a marcas como Lepas e Jetour. Serão marcas de nicho premium ou de grande volume?

Diferentes marcas têm clientes, posicionamentos e propostas diferentes, e também preços distintos. Não queremos a Chery e suas outras marcas misturadas, em uma dinâmica familiar confusa. Temos um princípio claro para tentar diferenciá-las. Ontem, por exemplo, tivemos três eventos. De manhã da

Chery, à tarde da Omoda/Jaecoo, e à noite, da Chery. Eles foram completamente diferentes. A Chery é tradicional. Na apresentação da Lepas, não estávamos em uma sala fechada, estávamos ao ar livre, em um ambiente aberto, com as pessoas relaxadas. No evento da Omoda & Jaecoo, havia música o tempo todo, DJ. Ou seja, criamos propostas distintas. O objetivo é separar claramente as marcas. Sem misturas. Essa é a questão mais importante para nós.

Vocês já definiram se Omoda & Jaecoo e Jetour terão produção local. O que falta para definir a produção no Brasil?

Com a atual política governamental, qualquer fabricante que queira competir a sério é encorajado a produzir localmente, caso contrário o imposto inviabiliza o negócio. A taxa de importação está subindo para 35%. É bastante. Por isso, não é necessário que ninguém me pressione. Eu mesmo preciso me pressionar para finalizar rapidamente o projeto de fabricação local. Hoje, posso estar perdendo dinheiro, mas se uma nova política tributária entrar em vigor mais à frente e não estiver produzindo localmente, o prejuízo será maior. Preciso encontrar rapidamente a forma de viabilizar a produção, pois é uma questão comercial e estratégica para nós.

Sobre a operação da Exeed, espera-se que chegue ao Brasil muito em breve. Como será a operação da marca no Brasil, porque há muita expectativa do público sobre quais carros esperar. O que pode dizer?

Quero levar a Exeed o mais rápido possível ao Brasil. Mas, quando entramos em um mercado, é preciso uma análise rigorosa. Tenho de ter certeza de que teremos um negócio sustentável a longo prazo. É fácil chegar com foco apenas em volume, mas entrar de verdade em um mercado envolve muitos concessionários que vão investir muito dinheiro. Se o negócio falhar, a Chery criará um grande problema para esses parceiros. Na China, a Exeed foca em carros grandes. No entanto, em muitos mercados internacionais, como o Brasil, o forte são os menores. Por isso, estou tentando encontrar uma forma de equilibrar as coisas, sentir que a Exeed pode entrar no Brasil com garantia de sobrevivência a longo prazo e desenvolvimento sustentável. Não quero lançar por lançar. Se eu lançar o carro e, passados um ou dois anos, o volume não crescer e eu não conseguir dar suporte técnico, isso será um grande problema para os clientes e para a rede. Estamos atentos aos novos modelos que estão a caminho. Se conseguirmos alinhar os novos produtos com as exigências do mercado brasileiro, com certeza faremos o lançamento.

No Brasil, o projeto começou com modelos premium, como Jaecoo 7 e Omoda 5. Agora, há carros mais acessíveis, como Jaecoo 5 e Omoda 4. É um sinal de que a Omoda & Jaecoo está caminhando para a base do mercado com produtos como o futuro Omoda 2?

Precisamos de equilíbrio. Se tivermos só carros de preço elevado, o volume de vendas será reduzido. Estamos construindo um bom posicionamento com a Jaecoo. Mesmo quando olhamos para os modelos mais compactos da Omoda, como o Omoda 4, não sinto que as pessoas os verão como carros de uma marca de baixo custo. O design transmite o visual de carro premium, embora menor. Claro que cada marca precisa cobrir diferentes nichos, mas o posicionamento não se define só pelo preço, mas também pela imagem que transmite. Mesmo que o preço dos novos modelos seja competitivo, isso não afetará a imagem da marca. Já o projeto do Omoda 2 está em progresso. No caso do Brasil, precisamos avaliar a questão do motor flex e dos incentivos. Em outros mercados, deve chegar até o final do próximo ano, mas no Brasil talvez um pouco mais tarde.

O mercado brasileiro olha muito para o pós-venda, pensando na durabilidade dos veículos e na



“Estamos a caminho de liderar a área de IA na China. Já utilizamos IA diretamente no design dos automóveis”



“Qualquer fabricante que queira competir a sério é encorajado a produzir localmente, caso contrário o imposto inviabiliza o negócio

DIVULGAÇÃO

assistência técnica. Planejam algo para atender a essa necessidade? Como estão estruturando a cadeia de pós-venda?

Estamos reforçando a equipe local. Levamos muitas pessoas da nossa sede para dar suporte: engenheiros técnicos, equipes de peças de reposição e pessoal para o sistema de CRM [softwares de relacionamento]. Assim, conseguimos apoiar rapidamente a operação local na busca por soluções. Em segundo lugar, criamos um sistema de monitoramento internacional. Se surgir um caso crítico no pós-venda, nosso sistema global consegue detectá-lo e acompanhar a resolução imediatamente.

Qual é a estratégia da marca para o uso de Inteligência Artificial, como pretendem implementá-la e qual sua visão para outras tecnologias disruptivas nos veículos das marcas da Chery?

A IA é um recurso fundamental para o futuro. Fundei nosso departamento de modelos de IA há quatro anos, quando muito poucas empresas discutiam o tema em nível global. Hoje temos um programa muito sólido e estamos a caminho de liderar esta área na China.

Muitos dos vídeos e materiais da nossa marca não são gravados com câmeras tradicionais; são criados por IA. Também já utilizamos IA diretamente no design dos automóveis. Na China, cada marca está reagindo e aplicando a IA de formas diferentes. Estamos preparando novas tecnologias e microchips nessa área. Fechamos parcerias com cerca de 100 universidades para apoiar a criação de laboratórios de robótica, ensinando a utilizar robôs em linhas de produção, entre muitas outras iniciativas.

Assim que a estratégia de híbridos flex estiver estabelecida no Brasil, qual será o próximo grande passo da Omoda & Jaecoo para sustentar o crescimento e a liderança tecnológica a médio e longo prazo no país?

O mercado automotivo está migrando para as novas energias. Mas, além da eletrificação, o próximo passo é a conectividade e a inteligência dos veículos. Atualmente, devido aos preços dos combustíveis e às crises globais, as pessoas sentem que a nova energia traz vantagens financeiras no uso diário. A indústria chinesa fez investimentos maciços nesta área. O próximo diferencial

será o carro inteligente. No futuro, se o consumidor quiser sair, poderá chamar o carro pelo celular e ele virá ao seu encontro na porta e ficará esperando. Quando terminar o trabalho, sairá do carro na porta do escritório e ele procurará uma vaga no estacionamento sozinho. Este é o próximo salto tecnológico.

A marca do grupo Chery, a iCar, tem foco em clientes que procuram produtos no estilo do Jeep Renegade e Compass — carros de linhas mais quadradas e robustas. O senhor considera que a iCar tem futuro comercial no Brasil?

Sim. Sendo muito sincero, dedicamos muito tempo a desenhar a estratégia dessa marca. Nossas pesquisas indicam que uma grande quantidade de pessoas procura esta proposta. E por quê? A maioria das pessoas já comprou os SUVs tradicionais, mas procura coisas novas. Estes carros são muito potentes e eficientes. O cliente que escolhe um iCar procura uma ligação emocional diferente, e queremos entregar essa experiência. Acredito muito no sucesso da proposta da iCar. **E**

**O jornalista viajou para a China a convite da Omoda & Jaecoo*



Um dos impasses sempre foi o Estreito de Ormuz, que os norte-americanos gostariam de tratar como águas internacionais

O suspense das negociações

Mais uma vez, Estados Unidos e Irã entraram em discussões para resolver o conflito que dura mais de três meses, mas um memorando de entendimento ainda dependia de aval presidencial

O cessar-fogo existe no papel, mas, de fato, não silenciou as armas. Três meses depois do ataque coordenado dos Estados Unidos e de Israel contra o Irã, em 28 de fevereiro, Washington e Teerã negociavam um acordo para encerrar a guerra, enquanto seguiam trocando ameaças, acusações e até bombardeios. Chegaram a costurar um acordo temporário na quinta-feira, 28, porém, até o fechamento desta edição, o memorando de entendimento não tinha recebido o aval do presidente norte-americano Donald Trump. E tampouco havia certeza de que o líder supremo iraniano, Mojtaba Khamenei, tinha aprovado o texto.

Nos termos do memorando, está prevista a suspensão do bloqueio no Estreito de Ormuz e a liberação de embarcações pelo canal. Também constaria um período de 60 dias para discussão

sobre o programa nuclear iraniano, um tema de difícil negociação com Trump.

Outro impasse ainda é o estreito, o principal instrumento de pressão iraniano. Antes da guerra, cerca de 20% do petróleo transportado por mar no mundo passava por esse corredor. O bloqueio do canal atingiu cadeias globais de energia, elevou preços e colocou a economia mundial no centro das negociações.

Na quarta-feira, 27, na Casa Branca, Trump chegou a afirmar que não estava satisfeito com as propostas em discussão. Disse que não aceitaria um acordo que desse ao Irã, ou a Omã, controle sobre Ormuz. “O estreito vai estar aberto para todos”, declarou. Para Trump, a passagem deve ser tratada como águas internacionais, sob vigilância dos Estados Unidos, sem concessões que permitam a Teerã tornar a rota em um meio de barganha.

O governo iraniano vê a questão de outro modo. Teerã defende que a reabertura do estreito seja acompanhada de retirada militar norte-americana, fim do bloqueio no canal e alívio de sanções. A TV estatal iraniana afirmou que havia um rascunho de acordo pelo qual o tráfego marítimo seria restabelecido em menos de um mês, enquanto os EUA retirariam forças do país e suspenderiam restrições. A Casa Branca negou que isso estivesse fechado.

A negociação, portanto, está dividida. Para Trump, qualquer pacto precisa parecer uma rendição iraniana: sem retirada ampla das forças militares norte-americanas, sem alívio imediato de sanções e sem controle iraniano sobre Ormuz. Para o Irã, um acordo só faria sentido se trouxesse ganhos materiais depois de meses de guerra: desbloqueio de ativos, reabertura de canais comer-



Trump disse que não aceitará acordo que dê ao Irã ou a Omã o controle sobre o canal

EVAN VUCCI/REUTERS

ciais, proteção contra novos ataques israelenses e algum reconhecimento de sua influência regional.

Sobre a questão nuclear, Washington quer inspeções fortes, limites ao enriquecimento de urânio e garantias de que o programa iraniano não será usado para fins militares. O governo iraniano nega buscar armas nucleares e acusa os Estados Unidos de usarem o assunto como pretexto para manter sanções e presença militar na região.

Existe mais um lado que pesa sobre as negociações. O cessar-fogo, formalizado em 8 de abril, não está sendo propriamente cumprido. Na segunda-feira, 25, forças americanas atacaram alvos no sul do Irã, incluindo locais de embarcações que, segundo o Comando Central dos Estados Unidos, eram lugares onde o Irã tentava instalar minas em áreas próximas a Ormuz. Washington chamou a ação de “autodefesa”. Teerã classificou o ataque como “violação flagrante” do cessar-fogo e prometeu não deixar atos de agressão sem resposta.

Mesmo assim, o regime evitou uma retaliação imediata. A decisão foi interpretada como sinal de que o Teerã ainda prefere preservar a mesa de negociação, mediada por países como Paquistão e Qatar. O porta-voz do Ministério das Relações Exteriores iraniano, Esmail Baqaei, disse que houve avanços, mas

Execução na prisão

Em meio à guerra e à crise interna, a execução de uma mulher, Asma Zarei, de 28 anos, que estava presa no Irã, expôs outra face do regime. A jovem foi enforcada em 20 de maio, na prisão central de Ardebil, no noroeste do país, após ser condenada pelo assassinato do marido. A informação foi compartilhada pelas organizações Iran Human Rights, sediada na Noruega, e Hengaw. De acordo com as entidades, Asma estava grávida quando foi presa, há cerca de três anos, e deu à luz um filho dentro da prisão. Antes de ser executada, pediu à mãe que cuidasse da criança, hoje com dois anos.

O caso não foi noticiado pela imprensa iraniana, de acordo com esses grupos. Asma foi a sexta mulher executada no país em 2026. Entidades internacionais afirmam que mulheres condenadas por matar maridos ou noivos muitas vezes viveram relações abusivas e não conseguem reunir o chamado “dinheiro de sangue”, pagamento que poderia evitar a execução em alguns casos. Um relatório da Iran Human Rights, divulgado neste ano, indicou que o Irã executou pelo menos 48 mulheres em 2025.

negou que, naquele momento, a assinatura de um acordo fosse iminente.

Trump também enfrenta pressão interna. Setores republicanos mais duros e aliados de Israel veem qualquer concessão a Teerã como derrota. O presidente, por sua vez, acusa o Irã de tentar ganhar tempo até as eleições legislativas de novembro, o midterm, na esperança de obter melhores condições. Ao mesmo tempo, tenta vender a ideia de que sua ofensiva enfraqueceu o regime iraniano, forçando-os a negociar.

No Irã, a guerra agravou uma crise social já profunda. A recente reabertura parcial da internet, após semanas de bloqueio, expôs a insatisfação da população com a inflação de alimentos, falta de produtos e colapso do poder de compra. O governo atribui a crise à “guerra econômica” dos Estados Unidos. Nas redes, iranianos falavam em esgotamento, medo e perda de paciência com a vida cotidiana.

Durante as negociações, Israel seguiu atuando no Líbano. O governo se posicionou contra um pacto que preserve capacidades militares iranianas. A paz, se anunciada nos próximos dias ou semanas, dificilmente parecerá reconciliação. Soara mais como um acordo de exaustão, costurado entre economias pressionadas, mercados de petróleo em alerta e governos tentando transformar perdas em vitória política. **E**



SpaceX realizou o 12º voo de teste da nave Starship que teve falhas, mas foi bem avaliado

REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

Corrida do trilhão

IPO da SpaceX, marcado para junho, pode tornar Elon Musk o primeiro trilionário da história e acelerar a disputa global por IA e pela exploração espacial

Wall Street já viu bolhas da internet e gigantes digitais impactarem mercados globalmente. Agora, um movimento recente vem despertando intensa atenção e gerando altas expectativas: o pedido de abertura de capital da SpaceX, protocolado em 20 de maio. Pelo tamanho das especulações geradas, o IPO apresentado à Nasdaq pela empresa aeroespacial de Elon Musk se transformou em símbolo de uma era em que inteligência artificial (IA) e exploração espacial transitam pelo universo financeiro.

Analistas passaram a tratar o movimento de Musk como um divisor de águas para empresas de tecnologia e infraestrutura orbital.

A operação ocorre em um momento em que o mercado norte-americano tenta recuperar o ritmo de grandes lis-

tagens perdido desde o boom das companhias de tecnologia em 2021.

Segundo os documentos entregues para a SEC (Securities and Exchange Commission, órgão equivalente à Comissão de Valores Mobiliários no Brasil), a SpaceX pretende iniciar seu roadshow entre fundos e possíveis investidores em 4 de junho, vender as ações em 11 de junho e estrear na Nasdaq em 12 de junho, sob o ticker SPCX. A empresa realizou no dia 22 o 12º voo de teste da nave Starship, que teve algumas falhas, mas foi considerado um bom lançamento.

As projeções indicam que a empresa pode alcançar valor de mercado entre US\$ 1,25 trilhão e US\$ 1,75 trilhão logo na estreia. Se isso ocorrer, o salto no valor de seus ativos poderá tornar Musk o primeiro trilionário da história. O em-

presário mantém 85,1% do poder de voto da companhia, consolidando controle quase absoluto sobre a operação.

Mais do que uma empresa de foguetes, a SpaceX passou a ser vista como o eixo central do que se chama de “Muskonomia”, expressão usada para definir o ecossistema interconectado de companhias controlado por Musk, que hoje engloba a Tesla, a xAI, o X (antigo Twitter) e a Neuralink.

O prospecto do IPO revela ambições que vão muito além de foguetes e satélites. A empresa fala em construir infraestrutura industrial na lua e em Marte, capturar asteroides para mineração de recursos e lançar módulos orbitais voltados ao processamento de inteligência artificial até o fim da década. A ideia é monetizar capacidade computacional no espaço em um momento em que a disputa global por IA se tornou estratégica.

A corrida do setor está cada vez mais intensa entre companhias como OpenAI, Anthropic e Google. Não por acaso, o IPO da SpaceX também é interpretado como uma resposta indireta de Musk ao fortalecimento da OpenAI, empresa que ele ajudou a fundar em 2015, mas da qual se afastou anos depois. E contra a qual move processo.

Dois dias antes do anúncio de preparos para o IPO, Musk sofreu uma derrota importante nessa disputa. Um júri federal em Oakland, na Califórnia, rejeitou a ação contra a OpenAI, seus cofundadores Sam Altman e Greg Brockman e a Microsoft. A alegação do bilionário é que a OpenAI havia abandonado sua missão original sem fins lucrativos, mas os jurados concluíram que Musk apresentou o processo fora do prazo legal.

O revés judicial, porém, não reduziu o entusiasmo em torno da SpaceX. A abertura de capital reforçou a percepção de que Musk está reorganizando seus negócios para disputar liderança também na infraestrutura da inteligência artificial.

Hoje, a principal fonte de receita da SpaceX é a Starlink, rede de internet via satélite que já opera cerca de 10 mil satélites. Em 2025, a companhia registrou receita de US\$ 18,6 bilhões, embora tenha fechado o ano com prejuízo líquido de US\$ 4,9 bilhões. **E**

O mundo em resumo

As notícias que se destacaram no noticiário internacional durante a semana

Cuba

Ilha recebe 15 mil toneladas de arroz; Raúl Castro é acusado pelos EUA de ataque contra civis

Cuba recebeu no domingo, 25, uma remessa de 15 mil toneladas de arroz enviada pela China, parte de uma doação total de 60 mil toneladas prometida pelo governo. O auxílio da China inclui apoio financeiro para a compra de equipamentos que forneçam energia para a população. A ajuda chega em meio à escalada das tensões com os Estados Unidos. Em 20 de maio, Washington acusou o ex-presidente Raúl Castro de ter autorizado a derrubada, em 1996, de dois aviões civis da organização anticastrista Brothers to the Rescue, ataque que matou quatro pessoas.

Bolívia

Crise política e bloqueios agravam desabastecimento

Após quase um mês de protestos e bloqueios de estradas, a Bolívia enfrenta uma de suas maiores crises recentes. A onda de manifestações, que inclui pedidos de renúncia do presidente Rodrigo Paz, que assumiu há cerca de seis meses, começou após propostas de reforma agrária e constitucional, mas se espalhou diante da inflação elevada, do aumento dos combustíveis e da escassez de alimentos, medicamentos e gasolina. O governo acusa grupos ligados ao ex-presidente Evo Morales de estimular os atos. Na segunda-feira, 25, o Brasil anunciou o envio de ajuda humanitária ao país.

França

Calor sem precedentes para maio causa mortes

A França registrou na segunda-feira, 25, a mais intensa onda de calor já medida no país para maio, com temperaturas até 13°C acima da média. Segundo a agência Météo-France, 352 cidades bateram recordes históricos para o mês e 31 departamentos entraram em alerta por calor extremo, algo raro nesta época do ano. Autoridades francesas confirmaram ao menos sete mortes associadas ao episódio climático. Reino Unido e Espanha também enfrentam temperaturas recordes.



China

Missão espacial terá astronauta um ano em órbita

A China lançou no domingo, 24, a missão Shenzhou-23 rumo à estação espacial Tiangong. O foguete Longa Marcha 2F decolou do centro de Jiuquan, no deserto de Gobi, levando três astronautas, entre eles Li Jiaying, primeira representante de Hong Kong em uma missão espacial chinesa. A Agência Espacial Tripulada informou que um dos tripulantes permanecerá um ano no espaço, experiência inédita para o país e estratégica para os planos de enviar astronautas à Lua até 2030. A escolha de quem ficará em órbita por esse período será definida ao longo da missão.



República Democrática do Congo

Avanço do ebola pressiona sistema de saúde local

O novo surto de ebola na República Democrática do Congo já acumula mais de 900 casos suspeitos e ao menos 220 mortes associadas à doença. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), 101 infecções e dez mortes estão ligadas à cepa Bundibugyo, variante rara do vírus identificada pela primeira vez em 2007. Equipes médicas relatam dificuldades para diagnosticar pacientes e rastrear contatos em áreas remotas. A OMS considera baixo o risco de transmissão em viagens aéreas, mas o surto já atingiu Uganda, em especial profissionais de saúde.



Desaprender é vital

Para o CEO do WhatsApp no Brasil, Guilherme Horn, as empresas não devem ter medo de errar ao adotarem ferramentas de IA em seus processos

Bruno Pavani

Inteligência Artificial é a expressão da moda em diversos setores, mas será que as companhias brasileiras estão prontas para a implantação de automação por meio dessa tecnologia em suas práticas do dia a dia? O CEO do WhatsApp no Brasil, Guilherme Horn, usou o seu conhecimento na área para escrever o livro “Mindset de IA” (Ed. Gente), no qual aponta que, mais do que mudanças operacionais, as empresas precisam mudar de mentalidade para não ficarem para trás e obterem sucesso quando o assunto é automação e o uso das IAs generativas. Para ele, as corporações precisam se permitir errar com a IA.

“Os profissionais precisarão desaprender muitas das práticas que utilizaram até hoje e reaprender a extrair o verdadeiro potencial da tecnologia, entendendo como pode gerar valor contínuo para os processos e para o conhecimento da organização. A IA pensa, mas a decisão final e a responsabilidade continuam sendo humanas. É fundamental não ter medo de falhar e não reprimir os erros dentro da empresa”, afirma Horn.

O que o seu livro traz de diferente do que vem sendo debatido sobre IA nas empresas?

O grande diferencial está em focar no modelo mental (mindset) necessário para a implementação da IA, em vez de tratar o tema apenas como a adoção de uma nova ferramenta técnica. Em vez de se concentrar na simples operação de plataformas, o debate deve ser o que os líderes, executivos e empreendedores precisam desaprender de suas vivências passadas e o que devem reaprender para lidar com essa inovação. O principal objetivo do livro é ensinar

como compreender o verdadeiro potencial da tecnologia para gerar valor real para o negócio, para os processos internos e para o conhecimento acumulado da organização. O sucesso com a IA não se resume a implementar ou adotar um sistema tecnológico, mas sim a uma necessidade profunda de transformar todo o negócio por meio da adoção de uma mentalidade adequada para usufruir de verdade de tudo o que essa tecnologia tem a oferecer.

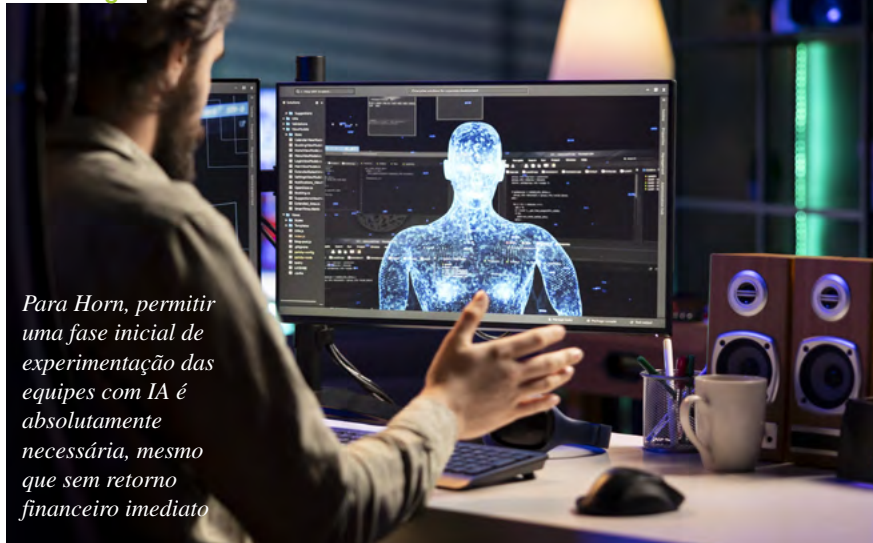
Muitos empresários e executivos ainda temem o uso de IA em processos mais elaborados nas empresas. O que você diria para essas pessoas?

Executivos e empresários devem encarar o erro nessa implementação como uma parte absolutamente essencial do processo de experimentação com a Inteligência Artificial. Não devem ter

medo de estimular ao máximo que as equipes experimentem a tecnologia. É fundamental não ter medo de falhar e não reprimir os erros dentro da empresa. O próprio Elon Musk [fundador da Tesla e da Space X, entre outros negócios, e primeiro financiador da OpenAI] comemorou a explosão de um de seus foguetes justamente pelo conhecimento valioso extraído daquele evento. À medida que a empresa treina e aprende com os próprios erros, ela adquire um ganho muito grande de maturidade. Os líderes precisam aceitar esse trade-off e entender que é natural testar diversas abordagens que talvez não tragam retorno financeiro imediato ou que acabem sendo descartadas mais tarde, mas apenas passando por essa fase prática é possível descobrir se realmente vale a pena usar a IA em determinados processos. Cultivar a experimentação contínua e a tolerância à falha é o conselho central para criar o modelo mental adequado e bem-sucedido na adoção dessa tecnologia. Mas claro que o elemento humano vai continuar sendo muito importante, porque a IA pensa, mas é o ser humano que decide. Assim como uma pessoa não deve seguir um aplicativo de rotas cegamente para dentro de uma área perigosa da cidade, as empresas precisam manter o controle final e a responsabilidade de avaliar as decisões da máquina. Essa habilidade é muito mais permanente do que as ferramentas em si.

No livro “Mindset de IA”, Horn aponta que o sucesso no uso da tecnologia está ligado ao posicionamento pela experimentação





DRAGOS CONDREA

Para Horn, permitir uma fase inicial de experimentação das equipes com IA é absolutamente necessária, mesmo que sem retorno financeiro imediato

Estudos apontam que a IA vai acabar com empregos no futuro. Como você olha para isso?

Sem dúvida, algumas profissões realmente deixarão de fazer sentido porque a IA passará a executar quase a totalidade desses trabalhos. No entanto, esse não é um fenômeno exclusivo dessa tecnologia. Historicamente, toda tecnologia nova substitui antigas ocupações ao mesmo tempo em que cria novas. Com a invenção da geladeira, por exemplo, os empregos na indústria do gelo acabaram; com a chegada dos carros, o mercado de charretes e cavalos diminuiu. Mas há uma grande diferença dessa revolução tecnológica para as anteriores, porque a natureza do trabalho é afetada. Enquanto as tecnologias do passado automatizavam predominantemente o trabalho físico e braçal, a IA substitui o trabalho intelectual e mental. O desenvolvedor, que usa a mente para criar um código ou sistema, agora pode ter parte de sua função substituída pela máquina. Mas, apesar disso, a perspectiva é otimista e, no saldo geral, a criação de novos empregos costuma ser positiva.

A implantação de IA nos processos das empresas é cara. Como você vê esse cenário?

Embora venha diminuindo, o custo de implementação da Inteligência Artificial ainda é alto. Por conta disso, muitas empresas limitam o acesso à tecnologia, disponibilizando apenas um determinado número de tokens de uso para cada área ou funcionário. Isso

acontece porque, na prática, assim que o colaborador começa a usar a IA, ele percebe rapidamente inúmeras possibilidades de realizar seu trabalho de forma mais rápida e eficiente, o que o leva a querer utilizar a ferramenta cada vez mais. As empresas precisam gerenciar um importante trade-off: decidir o quanto investir e liberar o uso, tendo a consciência de que permitir uma fase inicial de experimentação é absolutamente necessária, mesmo que não haja um retorno financeiro imediato.

Anos atrás nós vimos a chamada revolução tecnológica, em que empresas foram obrigadas a parar de funcionar em modo analógico. O que difere aquela transformação da proposta pela IA?

Em ambas as revoluções tecnológicas, as empresas se deparam com dois caminhos distintos de adoção e profundidade. Na transformação digital, as organizações podiam apenas ir para o mundo digital, como uma loja de varejo que cria um site de e-commerce, mas mantendo sua logística inteiramente dependente e amarrada à estrutura física, ou podiam mudar toda a sua estratégia para se tornarem nativamente digitais, que é o caso da Magalu, por exemplo. Com a IA, ocorre uma bifurcação muito parecida: a empresa pode escolher apenas implementar algumas ferramentas pontuais para ganhar eficiência ou pode usufruir de todo o potencial estratégico da tecnologia. As que escolhem esse segundo caminho adotam um modelo mental em que a escala

deixa de ser uma restrição e a IA passa a ser utilizada para aprender o tempo todo com as interações internas e externas, podendo tornar a companhia muito mais poderosa que as concorrentes.

O cliente final já enxerga as empresas adotando IA em processos de atendimento ao consumidor, pré e pós-venda. Onde você vê que as companhias já estão adotando ferramentas de IA?

A adoção da Inteligência Artificial vai muito além do atendimento ao cliente e já afeta profundamente a gestão, os processos internos e o trabalho intelectual das empresas. Diferenças já podem ser sentidas em rotinas administrativas, financeiras e jurídicas, quando um advogado que usa a tecnologia para ler uma petição inicial, compará-la com ações anteriores e rascunhar uma resposta, ou a modernização de controles financeiros como o fluxo de caixa; na comunicação interna e gestão do conhecimento, pois a IA aprende com absolutamente todas as interações da companhia. Isso abrange não apenas o contato externo com os consumidores, mas também as interações diárias entre os próprios funcionários, transformando o conhecimento acumulado da organização.

Como convencer um empresário de que uma determinada ferramenta de IA vai se tratar de uma mudança significativa e não de uma moda passageira?

As ferramentas de IA evoluem de forma extremamente rápida, de modo que uma plataforma que hoje é considerada a melhor para criar fotos ou vídeos pode ser facilmente superada por outra em questão de meses. Por conta dessa rápida obsolescência, focar apenas na adoção da tecnologia em si é insuficiente. Por isso, a verdadeira diferença está no modelo mental que embasa essa adoção, pois ele é muito mais permanente e perene do que a própria ferramenta. Caso a liderança da empresa adote o mindset adequado e compreenda claramente o propósito estratégico de utilizar a tecnologia, as constantes mudanças nas plataformas não conseguirão impactar o plano de longo prazo da organização. **E**



Peixes como atum chegam aos mercados com concentrações de metal pesado que superam as recomendações de saúde

MAGNIFIC

Mercúrio nos oceanos

Pesquisas indicam que a queima de combustíveis fósseis e a mineração ilegal estão saturando os mares com substâncias tóxicas, afetando toda a cadeia alimentar e colocando em risco a saúde de crianças e gestantes

O oceano, vasto e azul, esconde sob sua superfície uma ameaça silenciosa que já não pode mais ser ignorada pela ciência e pelos consumidores. Pesquisadores de diversas instituições brasileiras e internacionais emitiram, neste mês, um alerta contundente: a poluição por mercúrio nos ecossistemas marinhos atingiu níveis que colocam em xeque a segurança alimentar global. O que antes era visto como um problema isolado de áreas de mineração agora se revela um desastre ambiental de escala planetária, com o metal pesado infiltrado na base da alimentação humana.

A origem do problema é multifatorial, mas possui culpados bem conheci-

dos: a queima de carvão para geração de energia, as atividades industriais sem filtros adequados e, de forma gritante no Brasil, o avanço desenfreado do garimpo ilegal na Amazônia. Uma vez lançado nos rios e na atmosfera, o mercúrio acaba inevitavelmente nos oceanos. Ali, ele sofre um processo químico mediado por bactérias, transformando-se em metilmercúrio, uma neurotoxina potente que é facilmente absorvida pela fauna marinha.

O perigo para o ser humano reside no fenômeno da bioacumulação. Peixes menores ingerem o mercúrio, e grandes predadores, ao consumirem esses espécimes, acumulam em seus tecidos toda a carga tóxica de suas presas ao

longo de anos. O resultado é que peixes populares na gastronomia mundial e brasileira — como o atum, o cação e o espadarte — chegam aos mercados com concentrações de metal pesado que superam as recomendações de órgãos de saúde.

As consequências para a saúde pública são severas. O metilmercúrio possui uma afinidade perigosa com o sistema nervoso central. Em gestantes, a toxina atravessa a placenta, podendo causar danos irreversíveis ao desenvolvimento cerebral do feto, resultando em deficiências motoras, de fala e cognitivas. Em adultos, a exposição crônica está ligada a tremores, perda de coordenação, falhas de memória e um aumento significativo no risco de doenças coronárias.

Além da questão química, a crise climática de 2026 adiciona uma camada extra de complexidade. O aumento da temperatura das águas oceânicas acelera o metabolismo dos peixes, o que os leva a comer mais e, consequentemente, a absorver mercúrio de forma mais rápida. “Estamos vivendo uma tempestade perfeita onde a negligência ambiental se encontra com o aquecimento global”, afirmam os especialistas no relatório divulgado pela Agência Brasil.

A solução, defendem os pesquisadores, não passa por abandonar o consumo de peixe — uma fonte vital de proteínas e ômega-3 —, mas sim por um controle rigoroso das fontes emissoras. O cumprimento da Convenção de Minamata, um tratado global que visa banir o uso do mercúrio em diversos processos, é urgente. No Brasil, o combate ao garimpo ilegal nas bacias amazônicas é apontado como a medida doméstica mais eficaz para reduzir o despejo de sedimentos tóxicos que acabam no Atlântico Sul.

O alerta dos cientistas serve como um chamado à consciência para o consumidor e para o Estado. A transparência nos testes de qualidade do pescado e a rastreabilidade da produção tornaram-se ferramentas essenciais de sobrevivência. Em um mundo interconectado, o veneno lançado em um rio remoto na selva pode, lamentavelmente, reaparecer no prato de uma família a milhares de quilômetros de distância. **E**



Kate Perry é a grande atração da abertura em Los Angeles

FOTOS DIVULGAÇÃO



Anitta é uma das convidadas da cerimônia nos EUA

Espetáculos em três “palcos”

Entre as atrações musicais das três cerimônias de abertura da Copa do Mundo está Anitta; evento terá “show do intervalo” na decisão

A Fifa quer transformar a Copa do Mundo de 2026, a maior de todas as edições, em um espetáculo de entretenimento sem precedentes na história do torneio. A entidade máxima do futebol anunciou uma série de megashows para marcar a abertura da competição, em junho, com apresentações de estrelas da música nos três países que vão sediar o evento: México, Canadá e Estados Unidos. E, inspirada no Super Bowl, terá um “show do intervalo” para a grande decisão.

A abertura oficial será no dia 11, com México x África do Sul no estádio Azteca, na Cidade do México. Mas, em termos artísticos, a principal celebração acontecerá em Los Angeles, na

estreia da seleção dos Estados Unidos contra o Paraguai, no estádio SoFi, no dia 12. O show terá a brasileira Anitta, os norte-americanos Katy Perry (apontada como headliner) e Future. Lisa (integrante do grupo sul-coreano Blackpink) e os astros africanos Rema, da Nigéria, e Tyla, da África do Sul, também estão na programação.

Esta edição já nasce com ineditismo. Além de ser a primeira disputada em três países simultaneamente, é a primeira com 48 seleções – em 1930, quando nasceu a Copa organizada pela Fifa, no Uruguai, apenas 13 times participaram da competição. Neste ano, o torneio terá, ao todo, 104 partidas em 16 cidades-sede.

No primeiro jogo deste mundial, no México, a abertura terá show e muito papel picado, uma tradição festiva no país, entre outros elementos culturais. As apresentações contam com o colombiano J Balvin, a mexicano-espanhola Belinda e o astro da música regional Alejandro Fernández. Fazem parte dos shows Tyla, Danny Ocean, Lila Downs, Los Angeles Azules e Maná.

Já o Canadá realizará sua festa de abertura em Toronto, também no dia 12, na estreia da seleção nacional contra a Bósnia e Herzegovina. A programação no estádio BMO Field terá nomes como os canadenses Alanis Morissette e Michael Bublé, o francês Vegedream e a marroquina-canadense



Madonna estará no inédito “show do intervalo”, formato inspirado no Super Bowl

REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

de Chris Martin, do Coldplay. O show vai reunir Madonna, Shakira e o fenômeno sul-coreano BTS. A cantora colombiana convidou também as crianças da ONG Ghetto Kids, de Uganda, que viralizaram na internet com suas danças, para fazerem parte de sua apresentação. A final será em 19 de julho, no MetLife Stadium, em Nova Jersey.

Há outro evento festivo no cronograma da Fifa, os 250 anos da independência dos Estados Unidos, em 4 de julho. Ações devem acontecer nas cidades de Filadélfia e Houston, onde serão realizados jogos do mundial.

Canção da Copa

A presença de Shakira na Copa, que foi confirmada posteriormente, já era aguardada. Ela emplacou mais uma canção feita para o mundial. A música oficial, “Dai Dai”, tem participação do nigeriano Burna Boy. Parte do clipe foi gravado no Maracanã, no Rio, quando Shakira esteve na cidade para seu show na praia de Copacabana. Jogadores estrelados e os pequenos dançarinos do Ghetto Kids também estão no vídeo. O álbum da Copa 2026 foi lançado no dia 14. Shakira é responsável pelo maior sucesso das músicas feitas para a Copa: “Waka Waka”, criada para o mundial na África do Sul, em 2010. **E**

Nora Fatehi. Também estão escalados Alessia Cara, Elyanna, Jessie Reyez, Sanjoy e William Prince. Um mosaico será montado no estádio, com o troféu ressignificado e com a representação do povo canadense e suas culturas.

A Fifa destaca que esta será a primeira vez que uma Copa terá três cerimônias de abertura – ou seja, nenhuma sede deixou de ter a sua festa. A entidade afirma que o objetivo é criar uma celebração continental integrada pela música, pela cultura pop e pelo futebol.

Nas três aberturas, a cerimônia começará 90 minutos antes da partida. Os portões serão abertos quatro horas antes do jogo, com ativações especiais, experiências interativas. Mas as maiores expectativas estão com a festa em Los Angeles. “Ela representa a escala extraordinária do que a Copa do Mundo se tornará”, declarou o presidente da Fifa, Gianni Infantino.

“O elenco reflete a diversidade cultural dos Estados Unidos e a vitalidade de suas muitas diásporas, destacando a rica influência do país na música, no entretenimento e na cultura pop, ao mesmo tempo em que demonstra o poder da música de unir pessoas em todo o território”, completou.

As cerimônias serão produzidas pela Balich Wonder Studio, empresa especializada em megaeventos e responsável por apresentações nas Olimpíadas, na Fórmula 1 e na Expo Dubai. A empre-

sa promete estruturas visuais de grande escala e performances imersivas.

Madonna, Shakira e BTS

Além das aberturas, a Fifa decidiu apostar em um modelo de sucesso da NFL, a liga de futebol americano. Com isso, a Copa do Mundo terá um “show do intervalo” para trazer mais brilho para a final, como no Super Bowl. A curadoria do espetáculo está a cargo

Alanis Morissette e Michael Bublé vão se apresentar no Canadá, a terra-natal dos artistas



FOTOS/DAVIDGAÇAO

O colombiano J Balvin é atração na festa da abertura oficial, no México





Os jogadores da seleção iniciaram treinamentos na Granja Comary

O Brasil na reta final

A maior Copa do Mundo da história desafia a seleção a buscar o hexa sob o comando de um técnico estrangeiro; nesta edição de três países — Estados Unidos, México e Canadá —, a torcida acompanha a despedida de astros globais e a chegada de jovens craques

Lena Castellón

Histórico centro de treinamento da seleção brasileira, a Granja Comary, em Teresópolis, região serrana do Rio de Janeiro, recebeu os primeiros atletas que vão disputar a Copa do Mundo 2026 na quarta-feira, 27. Vieram de carro e helicópteros fretados pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF). O último a se apresentar naquele dia, porém, preferiu uma aeronave particular. De um helicóptero estampando suas iniciais, NJR, Neymar desembarcou no local e foi festejado pelos fãs que estavam no lado

externo do condomínio, à espera dos jogadores que vão batalhar pelo ansiosamente aguardado hexacampeonato, jornada que se inicia em 11 de junho com a expectativa de ser cumprida em 19 de julho, o dia da final.

Aos 34 anos, o camisa 10 do Santos se prepara para seu quarto mundial. Sua convocação para esta Copa, a maior da história, com 48 seleções, dividiu opiniões entre comentaristas esportivos. Antes do anúncio do elenco final, ele não tinha sido convocado pelo técnico, o italiano Carlo Ancelotti, no

cargo desde maio de 2025. Até então, o treinador tinha deixado o atacante de fora das listas, declarando que apenas o chamaria se ele estivesse em plena condição física.

Quando Neymar foi, enfim, anunciado na convocação, em um evento de gosto duvidoso organizado no dia 18 no Museu do Amanhã, no Rio, houve muita festa por boa parte dos torcedores brasileiros. Mas permanecia a dúvida. O jogador, que vestiu a amarelinha pela última vez em outubro de 2023, estaria em condições para o desafio? E que de-



O anúncio de Neymar no dia da convocação foi comemorado pela torcida

RICARDO MORAES/REUTERS

safio. Afinal, há 24 anos que a seleção não ergue a taça.

Nos dois primeiros dias na Granja Comary, quando os jogadores iniciaram o treinamento rumo aos Estados Unidos, um dos três países-sede da Copa, junto com México e Canadá, veio a bomba. Já se sabia que Neymar estava com uma lesão, um edema muscular, como dizia o Santos.

Após exames pedidos pela equipe médica da seleção, a CBF informou que o atleta tem uma lesão de grau 2

na panturrilha direita e que a recuperação deve levar de duas a três semanas. Ou seja, o quadro é mais sério do que se imaginava. Com isso, o jogador está fora dos dois amistosos marcados antes da Copa, contra o Panamá (no domingo 31) e o Egito (6 de junho). E corre o risco de não estar apto para a estreia da seleção, que enfrenta o Marrocos, no dia 13, em Nova Jersey.

Logo surgiu a hipótese de o atleta santista ser cortado. Pelas regras da Copa, uma seleção tem até 24h antes

da estreia para apresentar o caso para a Fifa, com farta documentação para amparar a análise médica. Se a entidade concordar que o motivo é grave, o jogador é dispensado e outro atleta pode ser convocado.

Mas a comissão técnica aposta na recuperação e espera ter o atacante em condições de jogo ainda na primeira fase da Copa. Embora tenha gente que prefira ver João Pedro, do Chelsea, no elenco – com seus 15 gols feitos na Premier League, da Inglaterra, falando em seu nome, contra os quatro gols do santista no Brasileirão –, o fato é que Neymar é muito querido por seus companheiros de seleção. E isso foi percebido por Ancelotti em Teresópolis.

Reconhecido no mundo do futebol e fora dele, Neymar foi destaque na imprensa internacional antes e depois da convocação. A notícia de sua confirmação também repercutiu entre alguns astros da bola. No vídeo que Neymar postou no Instagram compartilhando sua reação na hora, Vini Jr., do Real Madrid, escreveu: “Nosso ídolo”. O holandês Xavi Simmons, do Tottenham e fora da Copa por lesão, publicou uma coroa de rei. Dias antes, Messi havia se pronunciado a respeito do ex-companheiro de Barcelona e que se tornou seu amigo. “Na Copa, queremos que este-



Endrick, do Lyon, é um dos jovens talentos na Copa

FOTOS RAFAEL RIBEIRO/CBF



Vini Jr., do Real Madrid, já foi cotado a melhor do mundo



Carlo Ancelotti, técnico do Brasil há um ano, foi cinco vezes vencedor da Champions League

RAFAEL RIBEIRO/CBF

jam os melhores, e Ney, esteja como estiver, sempre vai ser um deles. Seria lindo vê-lo na Copa, pelo que significa para o Brasil e para o futebol mundial”.

Chances do hexa

A depender das casas de apostas e predições, a presença do atacante santista aumenta as chances de o Brasil ser o campeão de 2026. Antes da convocação dos 26 jogadores que vão disputar a Copa, a seleção oscilava entre a 5ª e a 6ª colocação no ranking de favoritos ao título. Depois, foi para o quarto lugar, empatando com a Argentina.

Já para o supercomputador da Opta Analyst, portal focado em análises, estatísticas e previsões baseadas em dados e uma referência do setor, as chances melhoram apenas ligeiramente. Em dezembro passado, a seleção ocupava o sétimo lugar, com a Espanha em primeiro. Em 11 de maio, um mês antes do início do mundial, o Brasil subiu uma posição, superando a Alemanha. Agora, embora se mantenha em 6º, a amarelinha tem um pouco mais de oportunidades de levantar o caneco.

Arrancou alguns pontos de Portugal, o 5º, de acordo com a análise da quarta-feira, 27. O time de Cristiano Ronaldo tem 6,92% de chances de vencer a Copa contra 6,82% do Brasil. Na projeção do dia 11, os percentuais foram 6,89% e 6,23%, respectivamente.

De todo modo, pela Opta, não estamos com essa bola toda. Nessa última análise, a Espanha melhorou ainda mais seus números. Ela lidera o ranking (16,02%), seguida por França (12,54%), Inglaterra (10,66%) e Argentina (10,09%). Depois do Brasil estão Alemanha (5,84%), Holanda (3,86%),

Noruega (3,30%), Bélgica (2,35%) e Colômbia (2,10%).

Se o critério fosse popularidade, teríamos mais chances. Neymar aumentou a base de seus seguidores depois da convocação. Em contagem feita pela consultoria de dados Bites, que comprou números da véspera do anúncio e 48 horas após a revelação do elenco, o santista teve um crescimento de 2,1 milhões em seu perfil no Instagram. Hoje, ele soma 233 milhões de seguidores.

Quem também teve ascensão nesse quesito foi Endrick, do Lyon, um dos novatos de Copa que estão chamando atenção. Ele conquistou mais de 620 mil seguidores após ser confirmado na seleção, chegando a 17,8 milhões.

Os jogos do Brasil

Na fase de grupos

Partida	Data	Horário
Brasil X Marrocos	13/6, sábado	19h
Brasil x Haiti	19/6, sexta	21h30
Escócia x Brasil	24/6, quarta	19h

Fator Ancelotti

Até Ancelotti se saiu bem pelo viés da popularidade. Pela análise da Bites, a conta do técnico no Instagram ganhou mais 162,6 mil seguidores no período. Hoje, são 18,2 milhões. É uma demonstração de validação da torcida, pelo menos com a escalação do time. No comando da seleção, por ora, os re-

sultados dão impressão de instabilidade. Foram 10 jogos com a seleção, com 5 vitórias, 2 empates e 3 derrotas (13 gols marcados e 8 sofridos).

Convidado pela CBF a visitar a Granja Comary na quinta-feira, 28, Luiz Felipe Scolari se encontrou com o treinador italiano, foi homenageado (é o técnico do penta – e também o do time derrotado pela Alemanha por 7 a 1) e fez um discurso para os atletas. O “professor” pediu união e emendou: “Vocês têm um cara que irá comandar vocês e que conhece (de futebol)”.

As palavras de Felipão ajudam a afastar críticos que não gostaram de ver um gringo nesse papel. Em Copas, o Brasil nunca havia sido liderado por um técnico estrangeiro até a contratação de Ancelotti. A decisão da CBF foi uma aposta em experiência global, leitura de jogo e gestão de elenco em alto nível. São fatores decisivos. Em uma Copa com tantos jogos (104) e múltiplas estrelas internacionais, é preciso captar rapidamente as estratégias, táticas e habilidades de treinadores e atletas que atuam em distintas ligas, dentre elas, as mais poderosas do mundo.

Ancelotti foi cinco vezes campeão da Champions League, duas pelo Milan e três pelo Real Madrid, clube pelo qual é o maior vencedor dentre os treinadores que passaram pelo time meren-

gue. Entre as ligas europeias, ergueu as taças da Premier League, Serie A, da Itália, Ligue 1, da França, e Bundesliga, da Alemanha.

No time de Ancelotti estão Vini Jr., do Real Madrid, que já esteve cotado a melhor do mundo, e o goleiro Alisson, do Liverpool. Eles dão segurança à torcida. O zagueiro Gabriel Magalhães, do Arsenal, atual campeão inglês e finalista da Champions, também traz consistência. Entre os que jogam aqui, as escolhas de Lucas Paquetá, do Flamengo, e Danilo Santos, do Botafogo, foram bem acolhidas.

Na avaliação de um dos principais cronistas esportivos do país, o ex-jogador Tostão, a lista final do italiano tem méritos. Ele gostou das convocações do goleiro Weverton e dos atacantes Endrick e Rayan, que considera prontos para serem destaques no mundial. Lamentou a ausência de João Pedro. E confessou ainda ter dúvidas “se os fatores positivos da presença de Neymar são maiores que os negativos”.

A última dança

Nesta Copa tão diferente e gigante, pelos jogos e pelos traslados, e cara demais para o torcedor comum, muitos olhos vão se dirigir para alguns atletas que provavelmente farão sua despedida do mundial. Na mídia internacional, o

termo usado é “the last dance”, a última dança em português.

Os nomes que primeiro vem à mente são os das lendas: Messi, 39 anos, e Cristiano Ronaldo, 41, ambos na 6ª Copa. Em uma lista da Fifa estão Luka Modrić (Croácia), 40; Kevin De Bruyne (Bélgica), 35; Mohamed Salah (Egito), 33; e Virgil van Dijk (Holanda), 34.

Mas o mundial também conta com atletas já festejados apesar da pouca idade. É o caso do espanhol Lamine Yamal, o camisa 10 do Barcelona, que estreia na Copa com 18 anos. Outros prodígios escalado para o torneio são o turco Arda Güler, do Real Madrid, com 21, e o alemão Lennart Karl, 18, revelação do Bayern de Munique.

Na tela

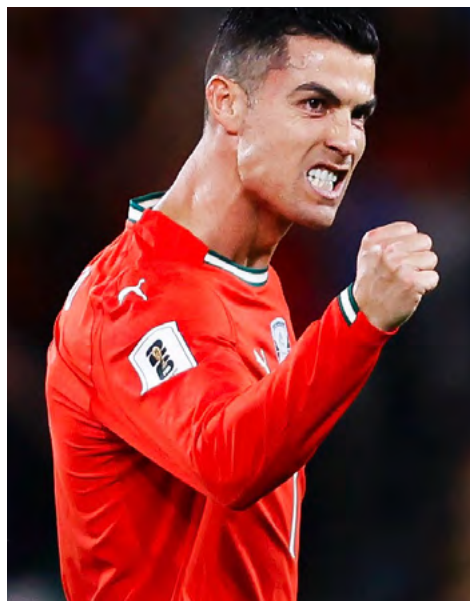
Na semana passada, o YouTube apresentou pesquisas que sugerem que a Copa 2026 terá uma audiência como nenhuma outra edição, em especial no Brasil. A empresa do Google, em parceria com a CazéTV, exibirá as 104 partidas do mundial. É a única plataforma de mídia no mundo a exibir gratuitamente todos os jogos.

Para se ter ideia do que isso representa, a Globo transmitirá 54 jogos e o SBT (junto com a N Sports), 32. No ano passado, o YouTube passou a ter a maior parte de sua audiência pelas TVs conectadas. Isso quer dizer que seu conteúdo será acompanhado pelas famílias, em casa. Outro ponto a ser observado é que esta Copa terá um “prime time”. Do total de jogos, 43% serão disputados entre 19h e 23h.

Segundo uma pesquisa do Google, 85% dos brasileiros pretendem ver a Copa acompanhados e 91% vão assistir aos jogos na TV (o que inclui os aparelhos conectados). Para o YouTube, este mundial será o do streaming. E também da inteligência artificial, que permitirá explorar uma infinidade de dados que vão atender aos interesses dos patrocinadores.

A audiência será impulsionada também pelo desejo do brasileiro de ver outras seleções. Segundo o Google, 71% pretendem assistir a partidas de outros times. E 23% afirmam que gostariam de acompanhar todos ou quase todos os jogos. No topo da preferência estão Argentina e França, com 36% das res-

Messi e Cristiano Ronaldo provavelmente se despedem das Copas: esta é a sexta deles



FOTOS REPRODUÇÃO/INSTAGRAM



A CazéTV exibirá os 104 jogos do mundial. E terá uma casa em São Paulo e no Rio

postas. Portugal fica em terceiro lugar, com 30%. Na sequência estão Alemanha e Espanha (29%), Inglaterra (23%), Holanda (15%) e Uruguai (13%).

A CazéTV detém os direitos de uso de imagens oficiais da Copa nas redes sociais. Com isso, poderá exibir gols, melhores momentos e entrevistas. Para o conteúdo do canal, praticamente todo o time de cobertura estará nos países-sede, com Casimiro, o Cazé, o narrador Luisinho, Fernanda Gentil, Chico Moedas e Barbara Coelho, fora comentaristas convidados.

A Globo, por sua vez, anuncia que ofertará mil horas de transmissão ao vivo com mais de 500 profissionais envolvidos, sendo 120 enviados especiais aos Estados Unidos, México e Canadá. A empresa vai integrar TV, streaming, digital, redes sociais, mídia exterior e experiências presenciais.

No coração da operação estará o “Estádio da Globo”, um estúdio que combina realidade aumentada, IA e painéis de alta definição para ampliar a sensação de imersão nos jogos. No time de profissionais, entre outros nomes, Everaldo Marques, Gustavo Villani e Renata Silveira (narradores), Alex Escobar e Karine Alves (apresentadores) e Renata Vasconcelos, do Jornal Nacional, estarão in loco.

Nas ruas

Durante a Copa, a empresa terá um espaço para eventos destinados ao público e vai apoiar outros. A Arena Glo-

bo é o principal projeto. Instalado na marquise do parque Ibirapuera, em São Paulo, ele é gratuito e abre as portas no dia 11. Lá, serão exibidos jogos do Brasil, vão ocorrer ativações das marcas patrocinadoras e estão programados conteúdos exclusivos, experiências e loja de produtos licenciados.

A Globo também será parceira de eventos como a Arena Brasileira, na capital paulista, a Arena Copacabana, no Rio, e a Arena N° 1, em Salvador, Belo Horizonte, Porto Alegre, Goiânia e Recife.

São Paulo e Rio receberão a Casa CazéTV, onde estão planejadas transmissões ao vivo dos jogos, ativações, produção de conteúdos e experiências interativas, além de atrações musicais. Os espaços estão localizados no parque Villa-Lobos (SP) e no Píer Mauá (RJ). Mas o acesso é mediante ingresso, com valores entre R\$ 42,50 e R\$ 570. A abertura para o público será no dia 13, a estreia do Brasil na Copa.

Nos Estados Unidos, em Miami, funcionará a Casa Rede Ronaldo (RR), organizado pela plataforma de conteúdo criada em nome de Ronaldo, o Fenômeno, e presidida pelo filho do ex-jogador, Ronald Nazário. O espaço ocupará uma área de 4 mil metros quadrados como um “hub de experiências sensoriais”. A programação vai de 11 de junho a 19 de julho, com a exibição das partidas em telões e ativações, com acesso liberado ao público. Haverá exposição de itens raros de Ronaldo, como medalhas e as duas Bolas de Ouro que conquistou. Estão previstos shows de artistas brasileiros e internacionais, que terão venda de ingressos. A Casa RR também irá gerar conteúdos em tempo real, em parceria com Disney+ e ESPN. Esses movimentos demonstram que a Copa do Mundo é de futebol, mas em torno dela acontece uma verdadeira corrida pela atenção dos torcedores. **E**

A Rede Ronaldo, ligada a Ronaldo, o Fenômeno, montou um espaço em Miami



FOTOS: DIVULGAÇÃO



DIVULGAÇÃO

Ritmo crescente

Maratona do Rio bate recorde de inscritos e consolida seu nome no calendário internacional de corridas

Durante cinco dias, o Rio de Janeiro vai respirar corrida. Mesmo às vésperas do início da Copa do Mundo de futebol. Entre os dias 3 e 7, no feriado de Corpus Christi, a Maratona do Rio reunirá uma multidão de apaixonados por correr nas ruas em um evento que vai além do esporte, misturando turismo, estilo de vida e entretenimento em diferentes pontos da cidade. Em sua 24ª edição, a prova registra cerca de 70 mil inscrições, segundo os organizadores. O número bate o recorde do evento no ano passado, que atraiu 60 mil corredores.

A Maratona do Rio é posicionada como um festival: compreende quatro distâncias (5k, 10k, 21k e 42k), shows de músicas, uma feira com artigos do universo da corrida e ações de marcas parceiras (que chegaram a 40). Nesta edição, 75% dos inscritos são de fora da cidade, gerando renda para o município. Os corredores costumam permanecer, em média, cinco dias na capital fluminense. Em 2025, a Maratona do Rio movimentou perto de R\$ 587 mi-

lhões na economia, enquanto a ocupação hoteleira atingiu 79,77% em junho, acima da média histórica anual (73%).

Segundo os organizadores, atualmente, o evento reúne, em número de participantes, a maior meia maratona do Brasil e a maior maratona da América do Sul. Neste ano, a prova consolida seu nome no calendário internacional com mais um feito: recebeu o selo Elite Label da World Athletics, liga que responde pelas mais concorridas e famosas maratonas do mundo, as chamadas majors. Esse é um passo para qualificar a competição do Rio nesse grupo seletivo, formado hoje pelas maratonas de Tóquio, Boston, Londres, Berlim, Chicago, Nova York e Sydney (desde 2025).

Entre as novidades da competição está o retorno do percurso dos 42K, que se tornou famoso. A largada da maratona, no domingo, às 5h30, será

Patrocinadora há cinco anos, a Adidas lança tênis exclusivos e coleção dedicada ao evento

A Maratona do Rio 2026 tem 70 mil pessoas inscritas; a prova recebeu o selo Elite Label da World Athletics

na praia da Reserva. A prova seguirá até o Aterro do Flamengo, o tradicional ponto de chegada. Neste ano, a maratona distribuirá US\$ 270 mil (cerca de R\$ 1,35 milhão) em premiação geral, maior valor já oferecido por uma corrida de rua na América Latina.

As demais provas acontecem antes: os 5k têm largada no dia 4 (quinta-feira), às 17h, e corredores dos 10k saem no dia seguinte, às 7h, ambos no Aterro do Flamengo. A meia maratona (21k) será no sábado, 6, às 5h30, no Leblon (Jardim de Alah). A chegada é a mesma para todas as distâncias.

Tênis exclusivo

Patrocinadora da Maratona do Rio pelo quinto ano consecutivo, a Adidas leva para o evento versões exclusivas dos modelos Adizero Adios Pro 4, Adizero Drive RC, Adizero EVO SL e Supernova Rise 3, todos trabalhados nas cores roxa e coral, inspiradas no nascer do sol da cidade maravilhosa.

A marca também apresenta nova coleção de vestuário dedicada à prova, com mais itens em comparação às estratégias das edições anteriores. São camisetas, shorts, meias, jaquetas corta-vento, mochilas, chinelos e outros produtos na mesma paleta. **E**



EDUARDO BIERMANN E SCHARI KOZAK



O Refúgio, um dos seis hotéis do resort, foi remodelado e agora está posicionado na categoria grand premium

Paraíso das águas termais

Rio Quente Resorts, em Goiás, reformula hotéis, investe em padrão premium e exclusivo e aposta na valorização dos destinos nacionais

*Lena Castellón**

Um fenômeno geotérmico é o responsável por atrair três milhões de turistas, todos os anos, para a cidade de Rio Quente, a 179 km de Goiânia e aos pés da Serra de Caldas, o maior manancial de águas termais do mundo. Na região brotam águas quentes e cristalinas, aquecidas no interior da terra e que retornam para a superfície à temperatura média de 37,5°C. Essas fontes formam piscinas e um rio de 12 km em torno dos quais se construíram uma rede de hotéis, pousadas e serviços para atender as pessoas interessadas em passar dias de relaxamento e de aventura em um ecossistema diferenciado. Agora, outro conceito vem ganhando força na área de hospitalidade: padrão premium e experiências exclusivas.

É o que mostra o Rio Quente Resorts, complexo com seis hotéis com mais de 60 anos de história que está revitalizando suas unidades e que tem acesso ilimitado ao chamado Parque das Fontes, um local em meio à natureza com oito piscinas de águas quentes, em que o hóspede pode andar sobre um piso natural, com sedimentos e pedras, e sentir borbulhas vindas debaixo do chão. Há duas semanas, foi inaugurado o Refúgio Grand Premium, que antes era o Hotel Turismo. Por sua nova estrutura, ele recebeu a categoria grand premium, um conceito na hotelaria que indica uma hospedagem com alto padrão de qualidade e que oferece uma experiência sofisticada e serviços de primeira linha, da gastronomia ao spa.

O reposicionamento e o novo nome dão o tom da estratégia estabelecida para o Rio Quente Resorts pela Aviva, empresa de viagens e entretenimento detentora do complexo e também do Hot Park, o parque aquático instalado na área, e do resort Costa do Sauípe, na Bahia. No pós-pandemia, o grupo aprovou um plano para todas suas propriedades centrado em três pilares: renovação do ativo hoteleiro, desenvolvimento de novos negócios e aumento da produtividade operacional. Em execução desde 2024 e com finalização prevista para 2028, esse projeto tem um investimento total de R\$ 1,4 bilhão. Na modernização do Refúgio foram empregados R\$ 30 milhões.

Com vista para a Serra de Caldas e jardins assinados por Burle Marx, o

Estilo de vida



Aberto 24h, o Parque das Fontes tem piscinas com borbulhas e chão natural e oferece serviços como bar

LENA CASTELLÓN

um novo público chega ao complexo do Rio Quente: o de renda alta.

O resort tem forte demanda, segundo Cunha. A taxa de ocupação é de 80%. E o Refúgio, que oferece 148 acomodações em cinco configurações (da suíte presidencial aos apartamentos master), tem recorrência acima de 60%. Quem está chegando é o público que busca mais experiências, que querem mais valor na hospedagem e nos serviços. O faturamento do resort em 2025 foi de R\$ 1,7 bilhão, crescimento de 13% sobre o ano anterior. A previsão para 2026 é faturar R\$ 1,8 bilhão.

Apesar de todo seu apelo de natureza e da vivência das águas termais em meio ao cerrado, o destino ainda é pouco explorado por estrangeiros. “A gente ainda recebe pouco. Eles representam

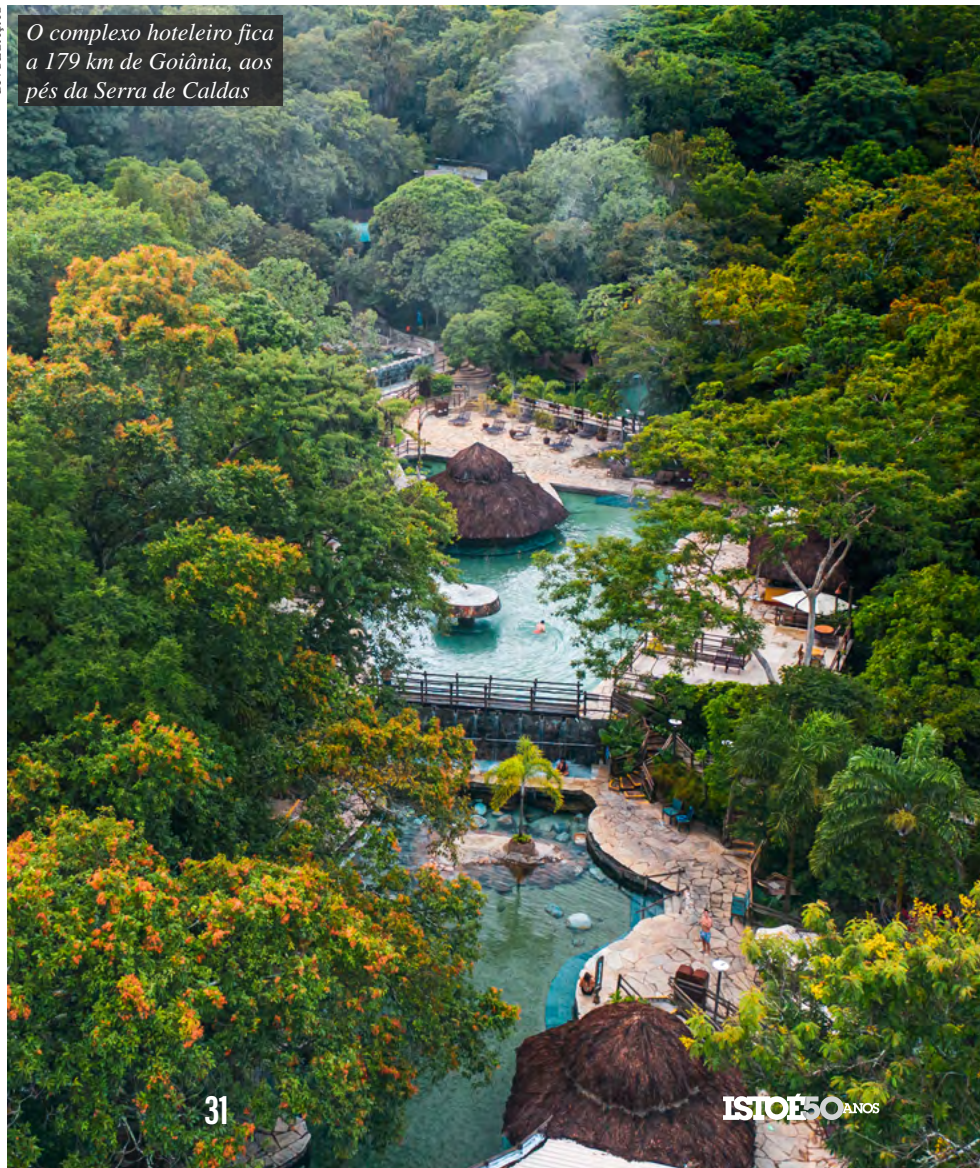
hotel une design, natureza e áreas de lazer renovadas. Isso explica o nome Refúgio. A renovação foi feita em etapas, sem fechar completamente o hotel. O Refúgio fica em uma área em frente a uma das entradas do Hot Park. E também está perto de um empreendimento do resort inaugurado em 2025, o InCasa Private Residence Club. Esse é um modelo de hospedagem composto por casas privativas, piscinas exclusivas, clube de lazer e serviços requintados, até um “chef em casa”. Alessandro Cunha, CEO da Aviva, contou que o projeto faz parte do pilar “novos negócios” e que segue o sucesso do que foi lançado na Costa do Sauípe, o InCanto, que oferece essa padrão, porém com apartamentos. “O InCasa está na categoria luxo acessível. Temos tarifas a partir de R\$ 5 mil”, disse.

Dentro do plano de modernização da Aviva, o hotel Pousada se torna Origem Premium em 2027, e o Cristal passa a ser Vista Grand Premium em 2028. Completam o portfólio do destino os hotéis Giardino, Luupi e Eco Chalés, que estão fora do resort, mas no município de Rio Quente.

Com tantos movimentos e o momento de redescoberta do turismo nacional – que se consolida no pós-pandemia, quando viagens deixaram de ser consideradas algo supérfluo e entraram com mais força na programação das pessoas, destacou o CEO da Aviva –,

DIVULGAÇÃO

O complexo hoteleiro fica a 179 km de Goiânia, aos pés da Serra de Caldas





LENA CASTELLÓN

Disputada pelos visitantes, a “praia do Cerrado” é uma piscina com ondas artificiais

em torno de 2%. Temos questão de logísticas. Não tem voo diário para Caldas Novas”, explicou Cunha, referindo-se à cidade vizinha. De acordo com ele, 85% dos clientes do Rio Quente chegam ao destino por meio rodoviário.

Potencial para atrair mais turistas, dentro e fora do país, não falta. “Precisamos falar mais do que temos. Grande parte dos resorts está na natureza. O

que temos, com essas águas, é único e vamos trabalhar mais isso. Faz parte da estratégia”, revelou. Ou seja, as fontes borbulhantes da Serra de Caldas vão ganhar mais destaque na comunicação.

No parque acessado pelo resort há 18 nascentes principais que abastecem oito piscinas, além de duchas termais, saunas e ofurôs cercados pela mata do Cerrado, disponíveis 24 horas por

O Hot Park tem atrações que vão de toboáguas a mergulho em um trecho do rio



DIVULGAÇÃO

Calor da terra

Antes se acreditava que as águas quentes da Serra de Caldas se deviam a um vulcão inativo. Mas estudos apontaram a verdadeira razão. A bacia hidrotermal da região é resultado de um processo geotérmico raro. Ao longo de mil anos, as águas das chuvas se infiltraram pelas fissuras nas rochas da serra e percorreram camadas profundas do subsolo. Elas se aqueceram naturalmente e retornaram à superfície com temperaturas que se assemelham ao do corpo ou bem acima. Em contato com outras nascentes, a média atinge os 37,5°C, que promove relaxamento. Em Caldas Novas, é famoso o Poço do Cozinha. Dele, a água brota a uma temperatura que beira os 60°C. O nome vem de uma prática antiga: as pessoas cozinhavam ovos no vapor da fonte. Hoje, o local é um ponto turístico de observação, protegido por grades.

dia – à noite, elas ficam iluminadas de azul. A vazão é tanta que toda a água é renovada a cada 20 minutos. Entre as atrações estão o Bar das Fontes, onde é possível bebericar drinques, dentro da água quentinha.

Há um bar semelhante no Hot Park, mas a piscina é construída, como na maior parte do parque aquático. O espaço recebe as águas termais da região. Quem preferir descansar, observando as nuvens, pode optar pelas boias do “Lazy River”. Os que gostam de mais aventura, podem nadar junto com pirarucus em um trecho do rio para onde foram levados os peixes amazônicos (eles se adaptaram às condições da água). Instrutores acompanham o visitante. O Hot Park tem hoje 22 atrações, inclusive a “praia do Cerrado”, com ondas artificiais. Mas há novidades com frequência, um imperativo para parques de diversão. Estão projetados investimentos em três frentes: infantil, aventura e praia. Serão R\$ 80 milhões nos próximos três anos.

*A jornalista viajou para Rio Quente a convite da Aviva



MONTAGEM COM FOTOS DE DIVULGAÇÃO



A Panini faz os álbuns da Copa desde 1970; a Fanatics assume a produção em 2026

Fim de era

Fifa encerra parceria com a Panini para a produção de álbuns de figurinhas de futebol e faz acordo de licenciamento com a Fanatics

Érica Polo

O universo dos itens colecionáveis, um mercado que movimenta bilhões de dólares e atravessa gerações, vive uma de suas mudanças mais drásticas em seis décadas. A Federação Internacional de Futebol (Fifa) anunciou no início de maio a assinatura de um acordo de licenciamento exclusivo com a norte-americana Fanatics, gigante do setor, para a produção de álbuns de figurinhas, cards colecionáveis e jogos

de cartas vinculados às competições da entidade. O anúncio sela o encerramento de uma era histórica contratual com a Panini, editora italiana que detinha o monopólio dos álbuns das Copas desde a edição de 1970, e que se tornou sinônimo de tradição no futebol global.

A transição será gradual, mas definitiva. O novo contrato passará a valer integralmente a partir de 2031, englobando tanto o mercado de produtos

físicos quanto o de ativos digitais. A operação ficará sob o guarda-chuva da Fanatics Collectibles, que utilizará a marca Topps — empresa centenária e tradicional no beisebol do país, adquirida pelo grupo em 2022 para pavimentar sua entrada no futebol europeu e internacional. A estratégia da entidade máxima do futebol é clara: substituir a tradição analógica por um modelo de negócios mais agressivo, tecnológico e

O álbum de 2026

Enquanto a transição ocorre, o tradicional ritual de colecionar o álbum de figurinhas da Copa do Mundo ganhou um novo patamar de complexidade e custo para os torcedores, em especial os brasileiros. Em abril, a editora Panini iniciou a pré-venda do livro ilustrado da Copa de 2026 em sua plataforma digital, e as vendas iniciaram em maio. Devido a esta super edição do mundial, com 48 seleções — 16 a mais que no formato anterior —, o torneio impactou o tamanho do álbum, que exige um esforço financeiro e de logística muito superior ao visto na Copa do Catar em 2022.

Para dar conta da amplitude da disputa organizada por Estados Unidos, México e Canadá, a coleção saltou de 670 cromos para um total de 980 figurinhas, sendo 68 delas classificadas como especiais. O custo da brincadeira também acompanhou a inflação do esporte.

Enquanto no Mundial de 2022 o pacote com cinco figurinhas era comercializado a R\$ 4, o novo envelope chegou ao mercado custando R\$ 7, embora agora contenha sete cromos. O álbum em sua versão brochura tem o preço de R\$ 24,90.

Na prática, o aumento no número de espaços a serem preenchidos e o reajuste nos valores transformam a jornada do colecionador em um investimento de fôlego. Pelos cálculos atuais, o torcedor que pretenda completar o álbum terá de desembolsar uma quantia superior a R\$ 1 mil. O valor leva em conta a hipótese otimista de que o colecionador consiga trocar a imensa maioria de suas figurinhas repetidas, uma tarefa que se torna estatisticamente mais difícil à medida que o inventário de jogadores e seleções cresce. Mas quem investe no álbum de figurinhas costuma ser um verdadeiro apaixonado pela atividade, participando de encontros para a troca.



A Fanatics, que faz colecionáveis de ligas esportivas dos EUA, aposta também no digital

voltado ao engajamento digital, perfil que a Fanatics consolidou nas principais ligas esportivas dos Estados Unidos, como a NFL e a NBA.

Entre as inovações que devem transformar a experiência do colecionador está a inclusão de itens físicos nos cards oficiais, como os chamados patches, pedaços de camisetas utilizadas pelos atletas em campo. Essa prática, que confere valor de raridade e autenticidade aos produtos, já é um pilar econômico nos Estados Unidos e agora será transposta para o cenário das seleções nacionais.

Para o presidente da Fifa, Gianni Infantino, a troca de parceiro visa ampliar as frentes de monetização da entidade. O dirigente diz que a inovação nos colecionáveis amplia as formas de conexão entre torcedores e jogadores, gerando receitas que, segundo o discurso oficial, são reinvestidas no desenvolvimento do esporte.

Michael Rubin, fundador da Fanatics, classificou a parceria como o momento mais ambicioso na trajetória da companhia, destacando que o futebol representa a maior janela de crescimento no esporte mundial.

O otimismo é sustentado por números: além do lucro direto, a empresa comprometeu-se a distribuir mais de US\$ 150 milhões em itens colecionáveis gratuitos ao longo do contrato,

uma manobra de marketing destinada a fomentar o interesse entre jovens torcedores e apoiar categorias de base.

A mudança de mãos, contudo, não se restringe às bancas de jornal. A Fanatics já assumirá um papel central na logística e no varejo da Copa do Mundo deste ano. A empresa será a gestora oficial de todas as operações de merchandising do torneio, controlando as lojas nos estádios e as áreas de ativação para fãs nos três países sedes: Estados Unidos, México e Canadá. O alinhamento entre a entidade e a nova licenciada é tão estreito que os eventos oficiais prévios à final do mundial já estão integrados ao calendário da empresa.

As coletivas de imprensa que irão anteceder a decisão de 2026 serão realizadas dentro da Fanatics Fest, um megaevento programado para o dia 17 de julho, em Nova York. Dois dias depois, em 19 de julho, o encerramento da primeira Copa com 48 seleções será celebrado com uma transmissão pública massiva no Javits Center, também em solo nova-iorquino. Ao transferir o centro de gravidade de seus licenciamentos para uma gigante do varejo esportivo norte-americano, a Fifa deixa de ser apenas uma vendedora de direitos de imagem para se tornar sócia de uma plataforma de entretenimento, abandonando de vez o modelo de negócios anterior. **E**

Palavra por palavra



YARA NARDI/REUTERS

"Não basta ter uma inteligência artificial mais moral se a moralidade for determinada por poucos"

Papa Leão 14, em trecho da encíclica "Magnífica Humanitas" ("Magnífica Humanidade", em português), a primeira de seu pontificado. O documento aborda os efeitos da IA e da revolução tecnológica sobre as relações humanas, o trabalho e a justiça social

"Não acho que teremos o tipo de apocalipse de empregos que algumas das empresas em nosso espaço defendem ou sobre o qual falam"

Sam Altman, CEO da OpenAI, em conferência do Commonwealth Bank of Australia; ele disse ter errado a previsão da eliminação de empregos no setor administrativo, indicando que o impacto da IA, nesse sentido, é menor do que calculou em 2022



MANUEL ORBEGOZO/REUTERS

"Mal posso esperar"

Mariah Carey, cantora, comentando o anúncio feito no Instagram de que fará um espetáculo natalino, "Christmas Time", em São Paulo e no Rio em novembro

"Estou muito feliz por estar de volta à seleção nesse mundo competitivo da ginástica"

Rebeca Andrade, maior medalhista olímpica do Brasil, falando nas redes sobre ter sido convocada para o Pan-Americano de ginástica artística, em junho, no Rio, o que marca seu retorno às competições; ela tirou um ano sabático em 2025



ANTONIO AUGUSTO/STF

"A vitaliciedade não significa que alguém ingressará no reino dos céus de beca e de capa (...). Significa tão somente, como sabemos, que há, sim, perda do cargo. Porém por sentença judicial transitada em julgado"

Flávio Dino, ministro do STF, durante o julgamento que colocou fim à aposentadoria compulsória como a maior punição aplicada a juízes; com isso, quem cometer infração grave deverá ter o caso encaminhado ao Supremo para eventual perda do cargo



FOTOS REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

Paixão sobre rodas.



MOTOR SHOW

www.motorshow.com.br

